



**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DE ACONSELHAMENTO  
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA  
“LUÍS DE CAMÕES”**

**ESTILOS PARENTAIS E AJUSTAMENTO DA CRIANÇA EM  
IDADE ESCOLAR**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e de  
Aconselhamento

Autora: Marisa Bécil Ferreira

Orientadora: Professora Doutora Mónica Taveira Pires

Número do candidato: 30003944

**Março de 2022**

**Lisboa**

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais pela formação cristã, pelo grande amor que a mim sempre dispensaram e pelos valores éticos que me foram passados desde o dia do meu nascimento até o presente. A minha mãe é um modelo de dedicação à família no qual me inspiro, e o meu pai um profissional da saúde mental em que me espelho.

Agradeço ao meu marido Rogério, que construiu comigo uma linda família. Há mais de 30 anos optamos por unir nossas vidas e seguirmos juntos em todos os momentos.

Sou muito grata aos meus filhos Victor e Anne por compartilharem as suas vidas comigo. Sempre aprendo com eles a ser uma pessoa melhor.

Agradeço a minha irmã Tânia, que me incentivou a continuar estudando e a procurar o conhecimento sempre.

Agradeço aos meus colegas de Turma deste Mestrado pelo convívio alegre e pela boa interação, o que propiciou uma troca de experiências e de conhecimentos importante.

Por fim, agradeço a todos os professores do Departamento de Psicologia da UAL pela rica experiência acadêmica e, em especial, à Professora Doutora Mônica Taveira Pires por seus ensinamentos e incentivo à conclusão do presente trabalho.

## Resumo

Os estilos parentais e o impacto deles no ajustamento da criança conjuntamente com outras variáveis familiares como a relação marital têm sido tema de estudos nas últimas décadas a nível mundial. A literatura sustenta que as inter-relações dos subsistemas conjugal, parental e filial são determinantes no ajustamento da criança. O objetivo geral do presente trabalho é averiguar o impacto do ajustamento conjugal e dos estilos parentais no ajustamento da criança na terceira infância. Os objetivos específicos deste trabalho são analisar as associações entre o ajustamento conjugal, os estilos parentais e o ajustamento da criança, analisar outras variáveis como escolaridade dos pais e a idade dos filhos com relação a esses constructos, averiguar as diferenças existentes no ajustamento conjugal, nos estilos parentais e ajustamento da criança segundo os diferentes grupos etários das crianças (seis aos 12 anos) e testar o modelo da APIM com relação à díade conjugal e averiguar a sua adequação com diferentes variáveis familiares. Procuramos responder à questão principal: como o ajustamento conjugal e os estilos parentais exercem um efeito conjunto no ajustamento das crianças ao longo da terceira infância até o início da adolescência? Para a condução deste estudo transversal, 144 famílias brasileiras, pais de crianças de 6 aos 12 anos de famílias na configuração tradicional, responderam, de forma voluntária e mediante consentimento informado, aos instrumentos PAQ-P – Questionário de Estilos Parentais para Pais, o DAS – Escala de Ajustamento Diádico para o casal e o SDQ – Questionário de Capacidades e Dificuldades relativo à criança. Os resultados demonstram que os pais e mães deste estudo apresentam valores mais elevados para o Estilo Parental Autoritativo, seguido do EP Autoritário e do EP Permissivo respetivamente. As correlações entre os estilos parentais e o ajustamento conjugal evidenciam estreita ligação com o ajustamento da criança, pois, quanto mais autoritários são os pais, mais problemas internalizados e menos comportamentos pró-sociais apresentam os filhos e, quanto mais permissivos os pais, mais problemas internalizados e externalizados apresentam os filhos. Os resultados expõem que, quanto maior o consenso, a coesão e a satisfação do casal, mais autoritativos são os pais e menos problemas externalizados apresentam os filhos. De maneira inversa, quanto menos satisfação do casal mais autoritários os pais e mais problemas internalizados apresentam os filhos. Verificou-se ainda que o ajustamento diádico e os estilos parentais exercem um efeito no ajustamento do filho, considerando a interdependência entre pais e mães da díade conjugal. Este estudo confirma outras pesquisas quanto ao efeito *spillover* dos estilos parentais, do ajustamento conjugal e do ajustamento da criança e contribui para o conhecimento da dinâmica familiar e o ajustamento da criança na idade escolar.

Palavras-chave: Estilos parentais, ajustamento conjugal, terceira infância, ajustamento da criança.

## **Abstract**

Parenting styles and their impact on the child's adjustment together with other family variables such as the marital relationship have been the subject of studies in recent decades worldwide. The literature maintains that the interrelationships of the marital, parental and filial subsystems are determinant in the child's adjustment. The general objective of the present work is to investigate the impact of marital adjustment and parenting styles on children's adjustment in third childhood. The specific objectives of this work are to analyze the associations between marital adjustment, parenting styles and child adjustment, to analyze other variables such as parents' education and children's age in relation to these constructs, to investigate the existing differences in marital adjustment, in parenting styles and child adjustment according to different age groups of children (six to 12 years) and testing the APIM model in relation to the marital dyad and verifying its suitability with different family variables. We seek to answer the main question: how do marital adjustment and parenting styles have a joint effect on children's adjustment throughout childhood through early adolescence? In order to conduct this cross-sectional study, 144 Brazilian families, parents of children aged 6 to 12 years old from families in the traditional setting, responded, voluntarily and with informed consent, to the instruments PAQ-P - Parenting Styles Questionnaire for Parents, the DAS – Dyadic Adjustment Scale for the couple and the SDQ – Abilities and Difficulties Questionnaire for the child. The results show that the fathers and mothers in this study have higher values for the Authoritative Parenting Style, followed by the Authoritarian EP and the Permissive EP, respectively. The correlations between parenting styles and marital adjustment show a close connection with the child's adjustment, because the more authoritarian the parents are, the more internalized problems and less prosocial behavior the children have, and the more permissive the parents, the more problems. internalized and externalized present the children. The results show that the greater the consensus, cohesion and satisfaction of the couple, the more authoritative the parents are and the fewer externalized problems the children have. Conversely, the less satisfaction the couple has, the more authoritarian the parents and the more internalized problems the children have. It was also found that dyadic adjustment and parenting styles have an effect on the child's adjustment, considering the interdependence between fathers and mothers of the marital dyad. This study confirms other research on the spillover effect of parenting styles, marital adjustment and child adjustment and contributes to the knowledge of family dynamics and child adjustment at school age.

**Keywords:** Parenting style, marital adjustment, third childhood, child adjustment.

## Índice

Resumo .....	III
Abstract.....	V
Índice de Tabelas .....	VIII
Lista de Abreviaturas e Siglas .....	X
Introdução.....	11
Parte I Revisão de Literatura .....	15
1.1 Família .....	16
1.2 Ajustamento conjugal .....	19
1.3 Parentalidade .....	22
1.3.1 Estilos Parentais .....	24
1.4 O ajustamento da criança na terceira infância .....	28
1.5 A relação entre Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais e Ajustamento da Criança.....	30
Parte II Metodologia.....	34
2.1 Problema em estudo e pertinência .....	35
2.2 Delineamento.....	37
2.3 Participantes.....	38
2.4 Instrumentos .....	39
2.4.1 Questionário Sociodemográfico .....	40
2.4.2 Dyadic Adjustment Scale – DAS.....	40
2.4.3 Questionário de Estilos Parentais para Pais – PAQ-P .....	41
2.4.4 Questionário de Capacidades e Dificuldades – SDQ-Por.....	42
2.5 Procedimentos .....	44
2.5.1 Estratégia de análise estatística.....	45
Parte III Resultados .....	46
3.1 Resultados descritivos das variáveis.....	47

3.2	Correlações entre variáveis EPs, AC e Ajustamento da Criança .....	48
3.3	Comparação das variáveis por subgrupos .....	51
3.3.1	Comparação dos EPs por escolaridade dos pais .....	51
3.3.2	Comparação dos EPs por idade dos filhos.....	52
3.3.3	Comparação do AC por idade dos filhos .....	52
3.3.4	Comparação do Ajustamento da Criança por género dos filhos.....	53
3.3.5	Análise APIM .....	54
3.3.5.1	Modelo 1: Consenso Conjugal + Estilo Parental Autoritativo → Problemas Externalizados.....	55
3.3.5.2	Modelo 2: Coesão Conjugal + Estilo Parental Autoritativo → Problemas Externalizados.....	56
3.3.5.3	Modelo 3: Satisfação Conjugal + Autoritário → Problemas Internalizados.....	57
Parte IV	Discussão .....	58
4.1	Discussão.....	59
Parte V	Conclusão .....	70
5.1	Conclusão .....	71
5.2	Contribuições, limitações e sugestões .....	73
Referências	.....	76
Anexos	.....	101
Anexo 1	.....	102
Anexo 2	.....	104

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> <i>Características Sociodemográficas da amostra Geral e dos subgrupos de Pais e Mães (N=288).</i> .....	39
<b>Tabela 2</b> <i>Características Sociodemográficas da amostra Geral e dos subgrupos de Filhos (N=288).</i> .....	39
<b>Tabela 3</b> <i>Valores de Consistência Interna das Medidas (Alpha de Cronbach).</i> .....	43
<b>Tabela 4</b> <i>Estatísticas Descritivas das Medidas DAS, PAQ-P e SDQ.</i> .....	47
<b>Tabela 5</b> <i>Correlações de Pearson das variáveis Ajustamento da Criança, Eps e AC (N = 288).</i> .....	50
<b>Tabela 6</b> <i>Correlações de Pearson das variáveis de Pais (N = 144) e Mães (N = 144).</i> .....	50
<b>Tabela 7</b> <i>Comparação dos EPs por Escolaridade dos Pais (N = 288).</i> .....	51
<b>Tabela 8</b> <i>Comparação dos Eps por idade dos filhos (N = 288).</i> .....	52
<b>Tabela 9</b> <i>Comparação do AC por idade dos filhos (N = 288).</i> .....	53
<b>Tabela 10</b> <i>Comparação por gênero das crianças (N = 288).</i> .....	53
<b>Tabela 11</b> <i>Modelo 1 – APIM.</i> .....	56
<b>Tabela 12</b> <i>Modelo 2 – APIM.</i> .....	56
<b>Tabela 13</b> <i>Modelo 3 – APIM.</i> .....	57

## **Índice de Figuras**

Figura 1. Modelo correlacional em estudo. Variáveis: VI – AC, VM - EPs e VD - Ajustamento da Criança.....	37
Figura 2. APIM – Ajustamento Conjugal, EPs e Ajustamento da Criança.....	55

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

AC – Ajustamento Conjugal

APIM – Actor-Partner Interdependence Model

DAS – Dyadic Adjustment Scale (Escala de Ajustamento Diádico)

EP – Estilo Parental

EPs – Estilos Parentais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LACRI – Laboratório de Estudos da Criança

ONU – Organização das Nações Unidas

PAQ-P – Questionário de Estilos Parentais para Pais

POF – Pesquisa de Orçamento Familiares

RGPD – Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados

SDQ – Questionário de Capacidades e Dificuldades

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

## Introdução

Verificamos que o conceito de família passou por mudanças significativas, durante o tempo da história da civilização, partindo da família tradicional composta por pai, mãe e filho(s) até chegar a uma diversidade de possibilidades, como a família monoparental, de dois pais ou de duas mães dentre outras formulações (Gavriel-Fried et al., 2014). Várias funções foram atribuídas à família durante o seu processo de sua evolução perpassando pelas funções religiosa, política, econômica e de procriar até chegar na função básica da família da atualidade, que é a afetividade (Lôbo, 2014).

Numa perspectiva ecológica-sistêmica, a definição de família como um sistema aberto em que o todo vai além de suas características separadas, mas que é regida pelos mecanismos de retroalimentação entre os seus membros, que possuem dimensões pessoais de suas experiências, trouxe novas perspectivas para os estudiosos e pesquisadores das ciências psicossociais (Osório & Valle, 2002; Nichols & Schwartz, 2007). Para Minuchin (1974), a família é um sistema aberto sociocultural, que está continuamente em transformação em decorrência de mudanças biopsicossociais de um ou mais de seus membros e também de várias influências do sistema social em que ela está inserida.

Essa nova definição de família, na visão da psicologia, partiu da mudança significativa do paradigma cartesiano, do século XVII ao século XIX, com uma visão do mundo reducionista e de causalidade unilinear das ciências exatas, para o paradigma sistêmico do século XX (Le Moigne, 1977; Morin, 2017). Destacamos a Teoria Geral do Sistema de Bertalanffy, cientista oriundo da Biologia, por volta de 1930, que trouxe o importante conceito de sistema aberto, dependente para a sua existência e estrutura de uma alimentação exterior, não apenas material ou energética, mas também organizacional e informacional, e a Cibernética, criada por Norbert Wiener, em 1948, com a introdução de importantes conceitos como os processos de comunicação e a circularidade, em que o efeito age em retorno sobre a causa (Seixas, 1992; Benoit, 2004; Morin, 2017).

As mudanças internas da família, dessa forma, são resultantes da circularidade do estímulo externo e a sua resposta a ele, sendo advindas do contexto sociocultural e demográfico em que ela está inserida, que também está em constante transformação.

Como refere Calil (2018) o sistema da família nuclear relaciona-se com outros sistemas humanos, como a família extensa, a escola, o trabalho, a igreja, influenciando e sendo influenciados por eles. O sistema familiar faz parte de um suprassistema, que é a sociedade com toda a sua pluralidade e suas nuances (Calil, 2018).

A família é a matriz de identidade do indivíduo e as figuras parentais têm grande valor como modelos de amor e de autoridade, através de um processo de interação, sendo indispensáveis para a formação de seres bem estruturados (Moreno, 1993).

Muitas vezes nos deparamos com questões a respeito de como as crianças respondem diferentemente à mesma situação. Temos de levar em conta a idiosincrasia de cada criança, mas destacamos que a forma como os pais criam os seus filhos afetam a competência da criança em lidar com o seu meio social (Papalia & Feldaman, 2013).

Baumrind (1966) avaliou famílias a fim de perceber diferenças de estilos de criação de filhos e seus impactos no comportamento dos filhos, levando em consideração as seguintes dimensões de parentalidade: afeto ou apoio e exigência implicando a monitorização ou controle do comportamento segundo as expectativas. A preponderância de uma ou de outra dimensão origina três tipos de estilos parentais: o estilo autoritário, o estilo autoritativo e o estilo permissivo.

Para Baumrind (1975) o estilo permissivo é alto em afeto, mas baixo em nível de expectativas e controle; o estilo autoritário caracteriza-se por um elevado controle e expectativas, mas baixo em afeto; e o estilo autoritativo é caracterizado por ser equilibrado nas diferentes dimensões, como afeto e responsividade, expectativas claras, comunicação aberta e exigência e controle de forma adequada às características de cada filho.

Vários fatores contribuem para a dinâmica do sistema familiar e seus subsistemas (Nichols & Schwartz, 2007). Como referem Erel e Burman (1995), a parentalidade é influenciada pelo clima emocional da relação de conjugalidade dos progenitores e vice-versa, o que eles denominaram de efeito *spillover*. Dessa forma, a qualidade da relação conjugal impacta o subsistema parental positiva ou negativamente, trazendo consequências também ao subsistema filial.

A família contemporânea encontra-se em des(ordem) e novas formas de subjetivação estão presentes nas constituições psíquicas dos indivíduos (Zanetti & Gomes, 2009). A construção de relações de confiança e contenção entre pais e filhos através de boas habilidades de comunicação requer tempo (Whittaker et al., 2014).

Tendo em vista essas subjetivações, torna-se relevante esta pesquisa, que relaciona os estilos parentais e o ajustamento da criança em idade escolar em uma amostra brasileira no presente momento histórico.

Faz-se importante destacar que a presente pesquisa foi feita em um dos momentos mais impactantes da nossa história moderna, que é a pandemia da Covid-19, proveniente de um novo coronavírus denominado SARS-CoV-2. A Organização Mundial da Saúde decretou a pandemia

do coronavírus em 11 de março de 2020, com orientações à população de distanciamento social, não aglomeração e protocolos de higiene para todos os países a fim de evitar a disseminação da Covid-19, o que impactou a dinâmica familiar (Organización Panamericana de la Salud, 2020). Os desafios de ordem social, política, económica e principalmente de saúde pública foram diferentes em cada país, a depender de suas estruturas internas, mas trouxeram a todos mudanças significativas de comportamento e de interação social (Ferreira, 2021). Este estudo quantitativo traz uma pequena colaboração no sentido de mostrar e de destacar esse impacto no seio das famílias brasileiras.

Este estudo faz parte do Projeto intitulado “Funcionamento Familiar, Coparentalidade e Ajustamento da Criança: Estudo comparativo intercultural” do Centro de Investigação em Psicologia (CIP) da Universidade Autónoma de Lisboa, sob a coordenação da Professora Doutora Mónica Taveira Pires.

A pertinência do presente trabalho, sinteticamente, é trazer ao Projeto “Funcionamento Familiar, Coparentalidade e Ajustamento da Criança: Estudo comparativo intercultural” mais um contexto cultural, pois a amostra é de famílias brasileiras. Assim, trazemos a possibilidade de desenhar projetos de prevenção e de intervenção também às famílias brasileiras a fim de promovermos a saúde familiar.

Este estudo tem como objetivo geral averiguar o impacto do ajustamento conjugal e dos estilos parentais no ajustamento da criança em diferentes grupos da terceira infância, dos 6 aos 12 anos, e tem como objetivos específicos analisar as associações entre o ajustamento conjugal, os estilos parentais e o ajustamento da criança, analisar outras variáveis como escolaridade dos pais e a idade dos filhos com relação a esses constructos, averiguar as diferenças existentes no ajustamento conjugal, nos estilos parentais e ajustamento da criança segundo os diferentes grupos etários das crianças (seis aos 12 anos) e testar o modelo da APIM com relação à idade conjugal e averiguar a sua adequação com diferentes variáveis familiares.

A presente dissertação está dividida em quatro partes.

A primeira parte, a revisão de literatura, abarca quatro capítulos acerca da família no geral e da família brasileira em particular; do ajustamento conjugal; da parentalidade e dos Estilos Parentais; e do ajustamento psicossocial dos filhos na terceira infância.

Na segunda parte apresentamos a metodologia utilizada, a pertinência do estudo, a definição do problema, as respetivas hipóteses, o delineamento, os participantes, os instrumentos e os procedimentos utilizados para a condução do estudo.

Na terceira parte apresentamos os resultados encontrados e, por fim, na quarta parte, a respectiva discussão, compreensão à luz do referencial teórico, limitações encontradas e contributos.

**Parte I**  
**Revisão de Literatura**

## 1.1 Família

A concepção de família sofreu profundas adaptações e modificações, ao longo do tempo, sendo vista antes sob a ótica inteiramente patrimonial, econômica e com fins de reprodução para um novo enfoque a partir do vínculo afetivo de seus membros (Noronha & Parron, 2012). A evolução histórica da família, como fenômeno social, desde a família patriarcal romana até a família nuclear da sociedade industrial contemporânea, contextualiza a sociedade (Carnacchioni, 2017).

No período romano, o patriarca da família exercia sobre os filhos direito de vida e de morte, a mulher era subordinada à autoridade marital e a ênfase do poder patriarcal estava centrada no controle do patrimônio da família (Carnacchioni, 2017). A partir do Cristianismo, a família iniciava-se com o casamento, considerado um sacramento, e essa concepção cristã baseava-se na reprodução da mulher e na produção do homem (Noronha & Parron, 2012). Dessa forma, a família tradicional cristã era fundamentada na propriedade e no matrimônio, em que a mulher era um recurso reprodutivo e os filhos mão de obra (Carnacchioni, 2017). Com o advento da revolução industrial, houve a necessidade de mão de obra, e a mulher ingressou no mercado de trabalho, deixando o homem de ser a única fonte de subsistência da família e, conseqüentemente, alterando-se a estrutura da família (Dias, 2016). A família passou a ser nuclear, restrita ao casal e a sua prole, saiu do campo em direção às cidades e passou a viver em espaços menores, o que levou à aproximação física e afetiva dos seus membros (Dias, 2016; Airés, 2019). A família contemporânea surgiu embasada no princípio da dignidade da pessoa humana com o novo paradigma da afetividade concretizado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948, pela ONU (Lôbo, 2014; Carnacchioni, 2017).

As famílias têm várias configurações, podendo ser monoparental, com um pai ou uma mãe, formada a partir da união de duas pessoas, configurando-se um casal, independente do sexo biológico, identidade de gênero ou sexualidade, ou até mesmo a partir da união de várias pessoas, como avós e tios (Nichols & Schwartz, 2007).

Com o aparecimento dos filhos, surgem também outros papéis sociais como pai e mãe (Moreno, 2008). Dessa forma, o sistema familiar tem sua estrutura alterada, criando além do subsistema conjugal, para famílias nesta configuração, um subsistema parental e um subsistema filial (Nichols & Schwartz, 2007). A dinâmica familiar baseia-se nas relações estabelecidas entre esses subsistemas conjugal, parental, filial e fraternal em um processo constante de interligação e influência entre eles (Erel & Burman, 1995).

O sistema familiar experiencia várias mudanças durante a sua existência, o que denominamos de ciclo de vida familiar, e precisa ser suficientemente estável para garantir a sua continuidade, mas flexível para se adaptar a essas mudanças (Nichols & Schwartz, 2007).

Como referem Duvall e Miller (1985), a evolução da família é dividida em oito fases: casais sem filhos; famílias com filhos em que a criança mais velha tem menos de 30 meses de idade; famílias com filhos em idade pré-escolar, em que a criança mais velha tem entre dois anos e meio e seis anos; famílias com filhos em idade escolar, em que a criança mais velha tem entre seis e 13 anos; famílias com adolescentes, em que o mais velho tem entre 13 e 20 anos; famílias com jovens adultos, que começa quando o primeiro filho sai de casa e acaba quando sai o último filho; pais de meia-idade, sem filhos em casa até a aposentadoria e a fase de envelhecimento de membros da família, que é o período desde a aposentadoria até a morte.

Para McGoldrick e Carter (1982), apesar de entenderem que cada vez é mais difícil determinar quais são os padrões normais dos ciclos familiares, colocam como a primeira fase a do jovem adulto, que se encontra entre famílias e que se separa da sua família de origem, com capacidade de estabelecimento de relações com seus pares e de se sustentar; como a segunda fase a união de famílias por meio do casamento nem sempre formalizado, criando um novo sistema conjugal; a terceira fase é com filhos pequenos, com o acréscimo de um subsistema novo, que é o parental; a quarta fase é a com filhos adolescentes, em que os pais além do subsistema parental também dão ênfase novamente ao subsistema conjugal e ao retorno à força de trabalho por parte da mãe; a quinta fase, chamada de lançar os filhos e continuar, é a que os filhos tornam-se independentes e se casam e os pais se tornam avós; e a sexta fase e final é a família na última parte da vida, muitas vezes, sendo esses avós cuidados por seus filhos.

Há também o esquema da evolução da família proposto por Haley (1973) em seis fases: namoro; casamento; nascimento e criação dos filhos; maturidade do casamento; saída dos filhos; reforma e terceira idade.

Os sistemas familiares, na sua maioria, não se desenvolvem de forma tranquila e completamente previsível, pois a sua evolução é afetada por muitas variantes como morte de membros, separação dos cônjuges e tantas outras circunstâncias (Barker, 2000).

Nesta pesquisa, dedicamo-nos ao estudo, dentre os diversos tipos de famílias, da família que mantém a sua configuração em que ambos os pais vivem com os seus filhos de idade escolar.

De acordo com Maia et al. (2013) a família influencia na aprendizagem dos papéis sociais mediante a transmissão da cultura, compartilhamento de normas, condutas, crenças e valores de geração em geração.

Observamos que pesquisadores adotam a dimensão individualismo *versus* coletivismo para explicar a variabilidade entre condutas sociais observadas em diferentes culturas. Assim, o individualismo é característico de culturas em que a experiência social se organiza em torno de indivíduos autônomos e no qual o indivíduo é o centro do campo psicológico, enquanto o coletivismo traz vínculos fortes aos grupos de pertencimento, em culturas estruturadas em função da coletividade (família, grupos religiosos, país) e no qual o campo psicológico é o grupo (Bontempo et al., 1990; Ferreira et al., 2002).

A cultura brasileira é coletivista, orientada por forte sentimento de reciprocidade e solidariedade, na qual as pessoas estão interligadas e que privilegia o sentimento de família, diferentemente dos Estados Unidos e predominantemente na Europa, que têm uma cultura individualista (Santos & Chaves, 2006; Alencar-Rodrigues et al., 2007; Santana et al., 2014).

Para contextualizarmos a família brasileira trazemos uma breve retrospectiva de sua história, ao realçarmos que, no século XIX, época do Brasil colônia de Portugal, a família brasileira patriarcal era a base de onde brotavam as outras relações sociais, com a presença marcante do moralismo como modelo ideal de família numa sociedade escravagista e dividida por categorias sociais (Barroso et al., 2000). Da mesma maneira que na Europa e nos Estados Unidos, no século XX, a industrialização fez com que as mulheres brasileiras também entrassem no mercado de trabalho, alterando a estrutura familiar, mas, mesmo após o declínio do patriarcalismo, alguns comportamentos ainda persistem como o machismo, que ainda continua presente nos comportamentos cotidianos (Maia et al., 2013). Como consequência, no Brasil, a violência doméstica é muito alta em decorrência de uma cultura de violência conforme o Laboratório de Estudos da Criança – LACRI, que identificou em 2007 mais de 159.754 casos de violência familiar (Seixas, 2013).

Novas configurações familiares estão sendo desenhadas no século XXI. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2015, o modelo tradicional de família no Brasil que, em 1995, correspondia a aproximadamente 50.1% das famílias brasileiras passou para 42.3%, ou seja, o perfil composto unicamente por pai, mãe e filhos deixou de ser maioria nos domicílios brasileiros (Vinhali & Soares, 2018). Conforme refere Vinhali e Soares (2018), na pesquisa de 2015, quanto à estrutura tradicional, houve uma queda de sete pontos percentuais em relação a 2005, quando abrangia 50.1%.

Como eco das primeiras organizações sociais estabelecidas ainda no Brasil colônia, somos um país com grande disparidade de renda. A desigualdade social no país fez com que apenas 2,7% das famílias acumulassem 20% do total da renda entre os anos de 2017 e 2018, de acordo com a POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares) (Madeiro, 2019).

Com a pandemia da Covid-19, o desemprego no Brasil atingiu o maior nível desde 2012, atingindo 14,1 milhões de pessoas no terceiro trimestre de 2020, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

No Distrito Federal, local específico da pesquisa, que engloba Brasília e outras cidades-satélites, há algumas peculiaridades como, em 2010, ter a menor taxa de analfabetismo das pessoas de 10 anos ou mais de idade e o mais elevado rendimento médio mensal dos domicílios do País (IBGE, 2012). Contudo com a pandemia da Covid-19, o Distrito Federal foi a unidade da Federação que mais empobreceu entre o primeiro trimestre de 2019 e janeiro de 2021 (Pinheiro & Matos, 2021). O estudo registrou aumento de 7,9 pontos percentuais da pobreza, que passou de 12,9% para 20,8% da população, e a extrema pobreza, cresceu 4,1 pontos, subindo de 3,2% para 7,3% dos habitantes (Pinheiro & Matos, 2021).

## 1.2 Ajustamento conjugal

A conjugalidade tem sido tema de diversos autores desde o início do século XX, no intuito de entenderem o que torna um casal ajustado ou não (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2010).

Para Duvall e Miller (1985), a partir da configuração familiar tradicional, a primeira fase da família é a união de duas pessoas, configurando-se um casal. Da mesma maneira, Nichols e Schwartz (2007) entendem que a família tradicional começa quando duas pessoas se unem para formar um casal e que a decisão de compartilhar as suas vidas, seus futuros e expectativas trará um período de ajustamento, muitas vezes, difícil até se chegar à parceria funcional, que surge a partir de padrões complementares de apoio mútuo. Dessa forma, um dos primeiros desafios para o ajustamento do novo casal é definir uma fronteira que os separe das suas famílias de origem, que terão de passar para um segundo plano, e isso é difícil tanto para o novo casal como para os seus pais.

O novo sistema familiar tradicional começa a se organizar em subsistemas, e o primeiro é o subsistema conjugal. Cada subsistema tem tarefas específicas dentro da família, e o subsistema do casal necessita de tomar decisões, preencher necessidades de interdependência emocionais, sexuais, económicas e outras advindas dessa vida a dois (Calil, 2018).

A vida a dois requer uma aprendizagem para lidar com questões importantes, tais como onde morar, se e quando o casal terá filhos, bem como coordenar rituais diários de convivência (Nichols & Schwartz, 2007).

Constatamos a existência de diversas definições de ajustamento conjugal e variados modelos de instrumentos que medem as relações conjugais, partindo do clássico ao contemporâneo no que se refere à configuração e à estrutura conjugal e familiar (Heckler & Mosmann, 2016; Meletti & Scorsolini-Comin, 2015).

De acordo com Iafrate et al. (2014), o ajustamento conjugal pode ser definido como um indicador multidimensional da qualidade do relacionamento conjugal, visto que este constructo não é apenas um correlato de boas habilidades individuais e relacionais, mas também é um correlato de satisfação com a vida, boa saúde física e mental.

Como referem Andrades et al. (2021), há uma grande variedade de dimensões avaliadas nos instrumentos que medem o ajustamento conjugal, quais sejam, satisfação, comunicação, conflitos, sexualidade, amor, coesão, consenso, compromisso e investimento no relacionamento, entre outros.

A Escala MAT - Marital Adjustment Test foi desenvolvida por Locke & Wallace (1959) nos Estados Unidos, que conceituaram o ajustamento conjugal como a satisfação dos membros do casal um com o outro e com o relacionamento, o desenvolvimento de interesses e atividades em comum e o atendimento às expectativas em relação ao casamento. Esta escala unidimensional focou na satisfação diádica.

Spanier (1976) desenvolveu o DAS – Dyadic Adjustment Scale (Escala de Ajustamento Diádico), baseada em quatro dimensões: consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto. Para o autor, a dimensão referente ao consenso diádico traz a lume a percepção individual de aspetos do relacionamento e do nível de concordância do casal sobre diversas questões como finanças, lazer, religiosidade, filosofia de vida, metas e objetivos, participação nas decisões profissionais, divisão das tarefas domésticas e interação com outros não pertencentes à díade; a dimensão satisfação diádica examina as percepções individuais a respeito da possibilidade de separação, do bem-estar, da confiança, da felicidade e do compromisso com o relacionamento; a coesão diádica avalia o grau de compartilhamento emocional da díade além de medir as percepções individuais quanto ao engajamento mútuo em interesses externos, à diversão conjunta e aos projetos em comum; e, por fim, a dimensão da expressão de afeto mede a percepção da concordância do casal a respeito de demonstrações de afeto e de relações sexuais.

Destacamos outros trabalhos que utilizaram a Escala de Ajustamento Diádico de Spanier (1976) como o estudo de Kaslow e Robison (1996), com 57 casais que estavam casados há 25 a 46 anos, no qual se demonstrou que os casais ditos satisfeitos apresentaram formas menos impulsivas e mais cooperantes, apoiantes e flexíveis de resolver os problemas, além de usarem estratégias mais eficazes de comunicação do que os outros casais, e também o estudo de

Hernandez (2008), com 542 indivíduos brasileiros em relacionamento amoroso, observando o desempenho dos casais nos constructos consenso diádico, satisfação diádica, coesão diádica e expressão de afeto com o objetivo de contribuir na avaliação de casais em psicoterapia e na investigação psicológica dos relacionamentos íntimos com a validação da EAD no Brasil. Hernandez (2008) define o ajustamento conjugal como “um processo no qual o resultado é determinado pelo grau das diferenças diádicas incômodas, das tensões interpessoais e da ansiedade pessoal, da satisfação diádica, da coesão diádica e do consenso diádico sobre matérias importantes para o funcionamento da díade” (p. 594). Esta escala foi a escolhida por nós para avaliarmos o ajustamento conjugal da nossa amostra brasileira.

Outros autores dão ênfase à dimensão satisfação das necessidades emocionais do casal como a base do ajustamento conjugal (Barker, 2000; Scorsolini-Comin & Santos, 2011; Scorsolini-Comin & Santos, 2012).

Norton (1983) criou, nos Estados Unidos, a Escala QMI - Quality of Marriage Index, que avalia o relacionamento de forma global ao medir a dimensão satisfação diádica. Os itens incluem questões sobre a qualidade da união e o grau de pertencimento à relação.

Realçamos mais algumas escalas unidimensionais nas quais a satisfação diádica é avaliada como a Escala KMSS - Kansas Marital Satisfaction Scale de Schumm et al. (1986), a Escala GRIMS - Golombok-Rust Inventory of Marital State de Rust et al. (1986) e a Escala RAS - Relationship Assessment Scale de Hendrick (1988).

Duas escalas brasileiras também medem o constructo ajustamento conjugal: EFS-RC - Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento de Casal de Wachelke et al. (2004), que avalia a satisfação conjugal, a partir da avaliação cognitiva positiva do relacionamento, por meio de comparação com outros relacionamentos que possuam características consideradas aceitáveis ou boas, e AQUARELA-R - Escala de Avaliação de Qualidade em Relacionamentos Românticos de Andrade & Garcia (2012), que avalia a qualidade conjugal através da mensuração do comprometimento, da intimidade, do amor, do relacionamento sexual e da comunicação e expressão dos conflitos do casal.

Alguns fatores interferem com o ajustamento conjugal, dentre eles, o fator individual do controle comportamental percebido por um cônjuge, visto que desencadeia a rejeição e diminui o ajuste psicológico do parceiro controlado (Iyiaydin & Sümer, 2021).

Outro ponto de desarmonia do casal pode vir a partir de novos membros na família. Um dos grandes desafios do casal após terem filhos é criar uma fronteira maleável que os separe dos filhos, pois eles podem interagir com os filhos compartilhando grande parte da vida uns dos outros, mas devem manter, para o fortalecimento do subsistema conjugal, algumas funções do

casal, como encontros para conversarem e se relacionarem sexualmente (Nichols & Schwartz, 2007).

A organização da família em subsistemas traz a inter-relação entre eles como fundamental para a sua funcionalidade, desde o primeiro subsistema - o conjugal -, na evolução da família intacta tradicional, até o aparecimento de novos subsistemas, como o parental, o filial e, acaso novos filhos venham a compor a família, o subsistema fraternal.

De acordo com Calil (2018), a família tem a tendência de funcionar como um sistema total, em que as ações e comportamento de um dos membros influenciam e são influenciados pelos comportamentos dos outros. Assim, torna-se difícil que o casal coopere de modo eficaz como um casal parental se não for feliz enquanto par conjugal (Barker, 2000).

A qualidade da relação dos pais, enquanto marital, pode interferir na criação e nos desempenhos da parentalidade, pois a relação conjugal também constitui o fundamento da relação parental (Barker, 2000; Sá, 2008). Evidencia-se que casais com níveis baixos de satisfação conjugal, com conflitos intensos e frequentes, afetam negativamente a relação deles com os seus filhos (Erel & Burman, 1995). De acordo com Planalp et al. (2019), pais com melhor ajustamento conjugal se envolvem em comportamentos mais sensíveis e responsivos com seus filhos.

A insatisfação conjugal está ligada a uma diminuição de respostas de apoio à criança, tanto para as respostas dos próprios pais e seus parceiros (Nelson et al., 2009). Já a satisfação experimentada no casamento pode ser transferida para a relação de coparentalidade, pois ela estimula a cooperação interparental sobre a criação dos filhos e está associada com a diminuição de tentativas de prejudicar a competência e autoridade do outro progenitor (Feinberg, 2003; Pedro et al., 2012). Conforme reitera Barker (2000), vários problemas manifestados no comportamento dos membros da família estão intimamente ligados às tensões conjugais.

### **1.3 Parentalidade**

Ter um filho está entre as decisões mais importantes e significativas dos indivíduos, pois gera consequências a longo prazo.

Há uma complexidade de motivações para se ter um filho, desde senso de vontade e de autorrealização a pressões internas e/ou externas (Nachoum et al., 2021).

De acordo com Gouveia et al. (2015), a partir do nascimento do primeiro filho, uma nova fase do ciclo familiar aparece e se acresce a esse sistema a dimensão parental. Essa nova configuração familiar traz novos desafios ao casal, que passa a exercer, na família tradicional, também os papéis sociais de pai e mãe. A estrutura da nova família transforma-se imediatamente com o surgimento do primeiro filho, criando além do subsistema conjugal o sistema parental e o subsistema filial (Nichols & Schwartz, 2007). Essa introdução de um novo membro na família traz uma mudança na sua estrutura e exige reorganização nas formas de transação para estabelecer novo equilíbrio que mantenha a sobrevivência do sistema (Calil, 2018). Da mesma maneira, com a introdução de outro filho no sistema familiar, há o surgimento do subsistema fraternal, o que exige de novo uma reestruturação interna.

Para Zornig (2010) a parentalidade é um processo de coconstrução entre os pais e o bebê, visto que a criança contribui de forma ativa para a estruturação da parentalidade.

Como refere Sá (2008), a filiação molda a parentalidade, que é um processo de vinculações recíprocas estendidas e aprofundadas em função da qualidade das trocas estabelecidas entre pais e filhos. Esse processo de interação mútua inclui, além da nutrição, do cuidado e da orientação fornecidos pelos pais aos filhos, o processo de transmissão de saberes, crenças e tradições, promotor do desenvolvimento máximo da criança (Tralhão et al., 2020).

Cada faixa etária da criança vai requerer diferentes estilos de cuidados parentais, pois os bebês precisam de cuidados para a sua sobrevivência e carinho, as crianças precisam de orientação e controle e os adolescentes precisam de independência/autonomia e responsabilidade (Nichols & Schwartz, 2007). Dessa forma, os mesmos cuidados parentais destinados para uma criança podem não ser adequados ou efetivos para um adolescente.

Bons pais têm uma estrutura de personalidade e uma plasticidade emocional que os impulsionam a se descentralizar deles mesmos em prol de suprirem as necessidades de seus filhos (Sá, 2008).

Em um sistema familiar funcional, há uma união entre os pais, que enfrentam os conflitos existentes por meio de colaboração e satisfação mútua de suas necessidades, mantendo o apoio da autoridade de cada um dos cônjuges com relação aos filhos (Calil, 2018).

De acordo com Merrifield e Gamble (2013), o subsistema marital que desenvolve atividades para manter o casamento e ações para melhorar a satisfação conjugal alcança maior eficácia de suas práticas parentais do que aqueles casais que não investem na conjugalidade. Dessa maneira, a melhoria do subsistema conjugal leva a resultados benéficos para o subsistema parental.

No contexto da parentalidade, uma das dimensões analisadas são os estilos parentais (Amaral et al., 2020).

### **1.3.1 Estilos Parentais**

Como referem Zanetti e Gomes (2009), a autoridade confirma as posições hierárquicas já estabelecidas e que fazem parte das relações de poder de um grupo. Os papéis parentais têm como objetivo transmitir aos filhos a própria cultura, que ordena lugares e concede aos pais o poder da autoridade (Zanetti & Gomes, 2009).

A família é o primeiro grupo no qual se insere a criança, e as relações de poder são estabelecidas dos pais para os filhos a partir dos estilos parentais. Os padrões e as estratégias que os pais usam para criar seus filhos caracterizam os estilos parentais (Aedo, 2016).

Em um estudo com 103 crianças em idade pré-escolar de 95 famílias, por meio de testes, entrevistas e estudos feitos no próprio seio familiar, Baumrind (1971) mediu os comportamentos das crianças correlacionando-os ao modo como as figuras parentais relacionavam-se com elas. Foram identificados três tipos de parentalidade a partir da responsividade (apoio) e da exigência em relação aos seus filhos, denominados de estilos parentais e classificados em permissivo, autoritativo e autoritário (Baumrind, 1975).

O estilo parental permissivo caracteriza-se por pais tolerantes e afetuosos, mas com pouca autoridade, tendo como consequência filhos mais imaturos, com menor probabilidade de assumir responsabilidade, menos autônomos e independentes (Bee & Boyd, 2011). De acordo com Baumrind (1966), os pais permissivos são pouco exigentes e são muito recetivos aos desejos e ações da criança. A relação, na maioria das vezes, torna-se horizontal, pois os pais são próximos como pares, colegas, não assumindo o papel de educadores no sentido de direcionar o comportamento das crianças.

O estilo parental autoritativo ocorre quando os pais têm índices altos de controle e de afeto dirigidos aos seus filhos, com a imposição de limites claros e de acompanhamento às suas necessidades individuais, tendo como resultado crianças com autoestima alta, mais independentes e mais resistentes às frustrações (Bee & Boyd, 2011; Zattoni, 2011; Sorkhabi & Mandara, 2013). Os pais autoritativos direcionam as atividades de seus filhos de maneira racional e orientada, estabelecem regras claras e colocam limites norteadores ao incentivarem o diálogo e a autonomia das crianças (Weber et al., 2004). São responsivos e exigentes de maneira a estabelecerem um equilíbrio entre esses dois pontos.

O estilo parental autoritário enfatiza o controle por parte dos pais e a obediência estrita dos filhos, no qual são mais retraídos, desconfiados, mas também como resposta podem ser

raivosos e revoltados, apresentando altos níveis de agressividade (Caputo, 2004; Bee & Boyd, 2011). Os pais autoritários apresentam de forma rígida muitas regras para modelar, controlar e avaliar o comportamento da criança, mas são distantes afetivamente de seus filhos (Weber et al., 2004). A relação entre pais e filhos é vertical, na qual os progenitores valorizam a estrita obediência das crianças.

Maccoby e Martin (1983) estenderam os estilos de parentalidade de Baumrind e propuseram, a partir das mesmas dimensões, um modelo quadripartido dividindo o estilo permissivo em indulgente, com elevado afeto e pouca exigência e controle, e negligente, com pouco ou nenhum afeto, controle e exigência. Os estilos autoritário e negligente têm sido associados a um maior desajustamento psicossocial e a mais problemas psicológicos nas crianças e jovens, estendendo-se o seu impacto até a vida adulta.

Os estilos parentais, com o acréscimo do estilo negligente, levam em consideração o grau de responsividade e o nível de controle dos pais, ou seja, o grau de aceitação e sensibilidade às necessidades emocionais de seus filhos e a exigência frente aos seus filhos respectivamente. O estilo parental negligente é caracterizado por baixa responsividade e nível de controle (Maccoby & Martin, 1983). Como consequência, na adolescência, os filhos de pais negligentes são mais impulsivos e antissociais (Caputo, 2004).

Pais com alta responsividade demonstram aceitação dos seus filhos e grande capacidade de nutrir, apoiar, ser sensível e caloroso, enquanto os níveis baixos de responsividade dos pais indicam comportamento insensível, indiferente e de rejeição para com os seus filhos (Maccoby & Martin, 1983).

O controle foi uma das dimensões da parentalidade estudadas por Maccoby e Martin (1983), com ênfase na clareza e consistência das regras e na exigência respectivamente. Outros estudos foram feitos com essa dimensão, diferenciando-a em tipos de controle parental. O controle comportamental é descrito como um conjunto de estratégias parentais envolvendo a comunicação clara e consistente das expectativas do comportamento adequado infantil e os esforços para monitorar o comportamento da criança relacionado a essas expectativas (Akcinar & Baydar, 2014). O controle severo é caracterizado por comportamentos parentais como a coerção, a punição física ou verbal (Janssens et al., 2015). O controle psicológico é definido como tentativas dos pais de manipular as experiências psicológicas de seus filhos, provocando neles sentimentos de culpa, de vergonha e condicionando o amor deles para pressionar os seus filhos (Barber, 1996).

Dessa forma, a partir do estudo de Maccoby & Martin (1983), as características de cada estilo puderam ser sistematizadas através destas duas dimensões: pais autoritários são exigentes

e não responsivos, ou seja, as exigências deles estão em desequilíbrio com a aceitação das exigências dos filhos, dos quais se espera que inibam seus pedidos e exigências; pais indulgentes são responsivos e não exigentes; pais autoritativos são exigentes e responsivos, quer dizer, há uma reciprocidade, os filhos devem responder às exigências dos pais, mas estes também aceitam a responsabilidade de responderem, o quanto possível, aos pontos de vista e razoáveis exigências dos filhos; pais negligentes são não exigentes e nem responsivos, tendem a orientar-se pela esquivas das inconveniências, o que os faz responder a pedidos imediatos das crianças apenas de forma a findá-los.

Diversos outros estudos foram feitos sobre parentalidade, dentre os quais citamos alguns cronologicamente com destaque na literatura.

Com uma amostra de 6.902 estudantes do Ensino Médio na Califórnia e em Wisconsin, nos Estados Unidos, Steinberg et al. (1994) examinaram o relacionamento entre os estilos parentais e uma gama de comportamentos nos adolescentes e verificaram que os filhos de pais autoritativos tinham autoconfiança mais alta, competência social mais alta, melhores notas, menos indicações de sofrimento psíquico, menor uso de drogas e baixa má conduta escolar e atos de delinquência.

Pettit et al. (1997) fizeram um estudo longitudinal com 585 famílias americanas, com crianças da pré-escola até a sexta série, levando em consideração aspectos da boa prática parental, com resultados positivos com relação aos comportamentos sociais e escolares das crianças.

Weber et al. (2003) estudaram a relação entre estilos parentais e otimismo da criança e obtiveram como resultado que os pais têm papel de destaque no processo de aprendizado do otimismo da criança e que crianças educadas por pais autoritativos estão mais preparadas para enfrentar as adversidades de forma otimista.

Alguns trabalhos focaram nas diferenças culturais quanto aos estilos parentais. De acordo com Chao (2001), a afetividade e o apoio dos pais asiáticos não dão ênfase aos valores europeu-americanos de individualidade, escolha e liberdade e têm um controle parental mais rigoroso. Famílias norte-americanas de origem asiática são descritas como de parentalidade autoritária por causa da obediência e do rigor por parte dos pais, na visão ocidental, mas, na visão oriental, isso demonstra cuidado, preocupação e preservação da harmonia familiar (Papalia & Feldman, 2013). De acordo com McKinney e Brown (2017), os impactos dos estilos parentais não se processam de igual maneira em todos os contextos culturais, como culturas coletivistas, asiáticas e afro-americanas, mas em todos o estilo parental autoritativo está associado ao maior ajustamento social, emocional e até acadêmico dos filhos.

Hameister et al. (2015) perceberam a partir do resultado do estudo que as relações parentais funcionais ou disfuncionais reverberam sobre todos os membros do sistema familiar.

Pires e Paz (2016) fizeram um estudo com a população portuguesa em escola pública destacando os estilos parentais em relação ao desenvolvimento geral e à educação de seus filhos. Os resultados demonstraram que o estilo autoritativo correlaciona-se significativamente com notas mais altas e melhor desempenho escolar, enquanto os estilos permissivo e autoritário correlacionam-se com piores resultados escolares.

Magnani e Staudt (2018), a partir de uma amostra brasileira, pesquisaram a possibilidade de os estilos parentais desempenharem papel protetivo quanto ao suicídio na adolescência e observaram que uma relação de pais para filhos com bons níveis de exigência e responsividade corrobora para uma maior prevenção ao suicídio.

Pires e Silva (2019), com uma amostra portuguesa, obtiveram resultados semelhantes aos da literatura especializada no sentido de que o estilo parental autoritário com a adoção de práticas mais ríspidas e coercivas implicam menor eficácia na educação dos filhos. Este estudo confirmou o estilo preponderante nas culturas ocidentais e em Portugal, com a prevalência do estilo parental autoritativo, seguido pelo estilo parental autoritário e pelo estilo parental permissivo.

Em um estudo de corte transversal-comparativo entre Brasil e Portugal, Gomes (2019) observou não haver diferenças significativas entre os EPs nos grupos de pais e mães brasileiros e portugueses, no qual os dois grupos apresentaram valores elevados para o estilo parental autoritativo. A autora destaca que os EPs autoritário e permissivo resultam em um menor ajustamento da criança, enquanto o EP autoritativo contribui de forma significativa ao seu ajustamento.

Basso et al. (2019) fizeram uma busca sistemática nas seguintes bases de dados PsychNet, BVIS, Scopus, Web of Science e PubMed de estudos empíricos publicados até 2018, escritos em português, inglês ou espanhol, que investigassem e caracterizassem os efeitos dos estilos parentais. Como resultado, obtiveram 321 artigos nas diferentes bases de dados, mas apenas 22 preencheram os critérios de seleção acima expostos. A partir dessa compilação, os estudos selecionados demonstraram que há correlação entre esquemas iniciais desadaptativos, rejeição materna, estilos parentais e depressão além da participação desses esquemas como mediadores na relação entre estilos parentais e sintomas disfuncionais na formação da personalidade.

Com o advento do início da pandemia da Covid-19, destacamos o estudo de Carvalho et al. (2021), que traz a percepção aos pais dos seus estilos parentais na pandemia. Os autores

trabalharam com uma amostra de famílias brasileiras com crianças pequenas em ensino remoto e perceberam que, apesar da maioria dos pais se denominarem autoritativos, os estilos parentais exercidos durante as atividades diárias repercutiram diretamente na estabilidade das crianças frente ao ensino remoto, visto que os adultos estavam em sua maioria sobrecarregados, ansiosos e estressados no cenário da pandemia e que as regras e seu supervisionamento sofreram um afrouxamento diário, afetando negativamente a aprendizagem da criança que precisa de vigilância constante com o ensino remoto.

A vasta investigação acerca dos estilos parentais nas últimas quatro décadas tem sido associada a diferentes consequências no desenvolvimento das crianças.

#### **1.4 O ajustamento da criança na terceira infância**

A percepção da infância na antiguidade até a presente data mudou radicalmente, pois antes as crianças eram consideradas patrimônio de seus pais, podendo ser trocadas, vendidas, alugadas ou até mortas sem condenação pública ou legal, e hoje são vistas como parte preciosa da sociedade (Sá, 2008). Temos como marco dessa mudança de enfoque a Declaração Universal dos Direitos da Criança aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1959.

Na área da Psicologia e da Medicina, a criança, a partir do século XIX, passou a ser estudada originando diversas teorias de desenvolvimento (Filipini, 2014).

Para os estudiosos da criança é fundamental a cronologia do seu desenvolvimento (Wallon, 2005).

A Psicologia do Desenvolvimento estuda o ser humano em oito períodos: o período pré-natal, que se estende da concepção ao nascimento; a primeira infância, do nascimento aos três anos; a segunda infância, dos três aos seis anos; a terceira infância, dos seis aos 11 anos; a adolescência, dos 11 a aproximadamente aos 20 anos; o início da vida adulta, dos 20 a 40 anos; a vida adulta intermediária, dos 40 a 65 anos; e a vida adulta tardia, dos 65 anos em diante. Esta divisão leva em conta a idade e as diferentes áreas do desenvolvimento, nomeadamente físico, cognitivo, de linguagem, afetivo e social (Papalia & Feldman, 2013).

De acordo com Laporte e Sévigny (2006), a terceira infância, período etário da presente pesquisa, compreende o período de seis a 12 anos, que é marcado pela transição do desenvolvimento biológico, afetivo e psicossocial, em que a criança vai da dependência de seus pais e necessidade de proteção à interdependência psicológica e social.

Como referem Papalia e Feldman (2013), os pesquisadores do desenvolvimento humano destacam três domínios que estão inter-relacionados, quer sejam o desenvolvimento físico, o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento psicossocial.

As crianças na terceira infância, quanto ao seu desenvolvimento físico, demonstram boas habilidades motoras e têm o crescimento mais lento se comparado aos das fases anteriores, mas crescem entre os 6 e os 11 anos de 5 a 7,5 cm por ano e dobram o seu peso nesse período (Papalia & Feldman, 2013). Outro dado importante é que a saúde é melhor do que em qualquer outra fase do ciclo de vida, em decorrência dos avanços científicos, na área da saúde, como vacinas e remédios. Há mudanças físicas na estrutura e no funcionamento do cérebro, aumentando a velocidade e a eficiência dos processos cerebrais e, em consequência, a capacidade de filtrar informação relevante para os avanços cognitivos (Amso e Casey, 2006).

Nesta fase, no desenvolvimento cognitivo, essas mudanças físicas ao nível do desenvolvimento cerebral, implicam as alterações, particularmente do córtex pré-frontal, responsável pelo planejamento, julgamento e tomada de decisões (Lamm et al., 2006). As crianças começam a pensar com lógica de forma concreta e suas habilidades de memória e linguagem aumentam, o que permite o pensamento complexo e o planejamento dirigido ao objetivo, essenciais para o início do período escolar da criança, visto que a criança nessa fase têm condições cognitivas favoráveis à aprendizagem (Luna et al., 2004).

Com relação ao desenvolvimento psicossocial, a criança constrói o conceito de si mesma com mais complexidade e a sua imagem física e emotiva é enriquecida por uma imagem de si intelectualmente (Laporte & Sévigny, 2006; Ferreira, 2020). Essa fase é crucial para o desenvolvimento da autoestima, que é a avaliação que a criança faz do seu autovalor geral, pois a ideia que ela constrói de si mesma é forjada pelas experiências vividas por elas por meio do olhar das pessoas que são importantes para ela, em especial dos pais. A criança sente necessidade de ser valorizada e reconhecida, e as palavras e os gestos de aceitação e de cumplicidade de seus pais exercem uma influência direta sobre ela quanto à construção da sua autoestima.

Vale ressaltar que as crianças, por volta da terceira infância, tornam-se mais conscientes de seus próprios sentimentos e conseguem regular melhor suas emoções, pois já têm conhecimento das regras do seu meio social para expressarem-se emocionalmente de maneira adequada diante de diversas situações (Cole et al., 2002; Sameroff, 2010).

Há o deslocamento gradual do controle dos pais para a criança durante a terceira infância, em que os pais exercem uma supervisão geral e os filhos tornam-se mais independentes e autônomos. Em decorrência disso, durante a idade escolar, os colegas assumem

importância fundamental, e a criança experiencia o sentimento de pertencimento, de segurança emocional, aprendizado aprofundado da socialização de como se relacionar em sociedade, aprendizado de habilidades de liderança e comunicação, cooperação, regras e papéis nessa convivência com os seus pares (Papalia & Feldman, 2013). Mas, além do ambiente escolar, o ajustamento da criança está intimamente relacionado à atmosfera familiar, pois ele é o resultado de um entrelaçar de diversos fatores que contribuem para o seu funcionamento emocional e social (Nachoum et al., 2021).

### **1.5 A relação entre Ajustamento Conjugal, Estilos Parentais e Ajustamento da Criança**

A relação entre a parentalidade, os estilos parentais e o ajustamento da criança foi comprovada solidamente nas últimas décadas, porém carece de mais estudos nos contextos lusófono e brasileiro.

Ao revisitarmos o trabalho pioneiro de Baumrind (1966), realçamos que os comportamentos dos pais associados a comportamentos competentes dos filhos, e os seus resultados demonstraram que as crianças educadas pelos pais a partir do modelo autoritativo foram as que alcançaram maior assertividade, maior maturidade, conduta independente e empreendedora e responsabilidade social. Os filhos criados por pais autoritativos são associados a aspetos positivos como por exemplo melhor desempenho nos estudos (Cohen & Rice, 1997). Os filhos de pais permissivos tendem a apresentar uso de tabaco e álcool (Cohen & Rice, 1997), baixa capacidade de autorregulação (Patock-Peckham et al., 2001) e baixa habilidade de reação a conflitos (Miller et al., 2002). Os filhos de pais autoritários têm uma tendência para um desempenho escolar moderado, sem problemas de comportamento, mas têm pouca habilidade social, baixa autoestima e alto índice de depressão (Cohen & Rice, 1997).

Conforme ressalta Sroufe (1997), pais atentos às necessidades dos filhos durante situações emocionalmente desafiadoras dão suporte a eles e lhes ensinam quais estratégias são mais eficazes para reduzir o estresse até quando as crianças consigam agir de modo autónomo.

Esses estudos anteriores demonstram que a parentalidade ineficaz contribui para o desenvolvimento de problemas externalizados e internalizados por parte das crianças e adolescentes, enquanto estilos parentais mais equilibrados podem prevenir ou reduzir esses problemas. Diferenciamos os problemas externalizados dos internalizados a partir de conceitos advindos de estudos especializados. Achenbach e Rescorla (2001) trouxeram que os problemas externalizados são vistos como o conjunto de sinais comportamentais e psicológicos

estatisticamente associados à agressividade e aos problemas de conduta e que tem como base o baixo controle dos impulsos e que os problemas de internalização são decorrentes do excessivo controle dos impulsos e se manifestam por meio de sintomas de ansiedade, depressão, retraimento social e queixas somáticas. Em outro estudo mais atual, Achenbach et al. (2016) relacionaram os problemas internalizados a dificuldades emocionais, aqueles do “mundo interno” do indivíduo, como ansiedade e depressão, enquanto os problemas externalizados são compreendidos como aqueles de natureza comportamental, com dificuldades associadas ao “mundo externo”, como nos casos de agressividade e dificuldades de autocontrole.

Alguns estudos correlacionaram os problemas internalizados e os problemas externalizados com o gênero das crianças. O estudo de Marturano et al. (2005), na comparação de gênero, obteve como resultado que as meninas apresentam mais sintomas de ansiedade e depressão com queixas somáticas do que os meninos, com maior média na escala de problemas internalizados. Estudos com amostras brasileiras que os meninos apresentaram maior frequência de ocorrência de comportamentos problemáticos do que as meninas, tais como ameaçar ou intimidar os outros, agir impulsivamente, não ouvir o que os outros dizem e ficar com raiva facilmente, o que caracterizamos de problemas externalizados (Bandeira et al., 2006; Nunes, 2012).

Estudos mais atuais também reiteram os resultados anteriores. Amaral (2018) avaliou em seu estudo a habilidade social e o desempenho escolar por gênero e demonstrou que os meninos apresentam maior incidência de problemas de comportamento externalizados, menor habilidade social do que as meninas, mas não observou diferenças significativas entre os meninos e meninas quanto ao desempenho escolar. Silva et al. (2020) compararam a avaliação de recursos de socialização e problemas de comportamento de escolares do ensino fundamental por mães e professores, em função da sua relevância para as crianças nesse período dos ambientes familiar e escolar, e verificaram que as mães identificaram mais problemas ligados à externalização que as professoras, especialmente para os meninos, assim como identificaram mais recursos de socialização para as meninas.

Ao correlacionarmos o ajustamento da criança aos estilos parentais, percebemos que a relação de controle parental com a responsabilidade social e a independência da criança depende de que ponto os pais também encorajam a individualidade e independência da criança, dando aos seus filhos a oportunidade de eles desenvolverem habilidades psicossociais adequadas e melhor ajuste geral rumo à pré-adolescência (Perry et al., 2018).

Como referem Omer e Fleury (2020), alguns pontos são importantes para uma relação mais saudável entre pais e filhos como a presença parental, o autocontrole dos pais, o apoio

externo ao sistema familiar e a imposição de limites e regras claras por parte dos pais aos seus filhos. A autoridade parental sem violência vai proporcionar um melhor ajustamento da criança, pois, ao contrário de uma autoridade tirânica, na qual a força provém da punição e da agressão, parte da presença parental como um conceito dialógico em que os pais querem se tornar presentes para os seus filhos e em relação aos seus filhos (Omer, 2014).

De acordo com Nachoum et al. (2021), os pais, ao saberem da possível influência de suas motivações em seus filhos, prestam mais atenção ao seu interior ao decidirem expandir sua família, o que pode ser feito em serviços de cuidados pré-natais.

Não apenas a parentalidade e os seus estilos parentais são determinantes para o ajustamento da criança, mas também a relação entre os seus cuidadores.

De acordo com Goldberg e Easterbrooks (1984), quanto ao subsistema conjugal, o funcionamento e o ajustamento adequados do casal relacionam-se positivamente com o desenvolvimento saudável dos filhos.

Como referem McCoy et al. (2009), os conflitos do subsistema conjugal podem ser construtivos ou destrutivos e têm diferentes impactos no contexto familiar. O conflito positivo tem como base estratégias positivas de resolução dos problemas e visa o acordo, a boa comunicação, a demonstração de afeto e o apoio entre o casal, enquanto o conflito destrutivo envolve o uso de hostilidade, raiva, agressão física e/ou verbal e insultos pessoais durante a situação conflituosa (McCoy et al., 2009).

No estudo de McCoy et al. (2009), verificou-se que as estratégias construtivas do subsistema conjugal contribuem para o bom funcionamento psicológico de seus filhos.

O ajustamento da criança dependerá também de algumas características internas dela bem como do que acontece na família, desde sintomas de ansiedade e depressão dela e/ou dos pais, comportamentos agressivos ou opostos dela, seu envolvimento nos desentendimentos dos pais, sua esperança na resolução do conflito dos pais e apego aos pais (Pedro et al., 2012).

O conflito conjugal, dessa maneira, impacta o desenvolvimento dos filhos a depender da frequência, da intensidade, do conteúdo e da resolução dos conflitos por parte dos pais, que lidam positivamente com a situação, com menor impacto para as crianças, ou justamente ao contrário se usam da agressividade física e/ou verbal (Benetti, 2006).

O ajustamento da criança está em estreita ligação com a parentalidade e seus estilos de autoridade parental como também com o ajustamento conjugal de seus cuidadores, o que demonstra o chamado efeito *spillover*, ou seja, a permeabilidade entre a conjugalidade e a parentalidade (Erel & Burman, 1995).

Quando pesquisamos o efeito *spillover*, usamos dois modelos teóricos que fundamentam a relação entre ajustamento da criança, ajustamento conjugal e parentalidade: o Modelo Cognitivo-Contextual e o Modelo da Segurança Emocional (Grych & Fincham, 1990; Davies & Cummings, 1994).

Como referem Grych e Fincham (1990), o Modelo Cognitivo-Contextual baseia-se no facto de que a maneira como as crianças interpretam o conflito interparental e o contexto em que estão inseridas têm grande efeito sobre elas.

De acordo com Davies e Cummings (1994), o Modelo da Segurança Emocional leva em consideração que o sentimento de proteção e a segurança emocional que as crianças vivenciam no sistema familiar determinam como elas percebem o conflito conjugal, que tem efeito imediato no ajustamento psicológico delas.

A partir do efeito *spillover*, Hosokawa e Katsura (2017) estudaram o conflito conjugal e as práticas parentais como constructos multidimensionais para compreenderem qual a relação deles com a saúde mental infantil. Os resultados sugerem que a competência social, que é influenciada pelos constructos multidimensionais dos fatores familiares, pode ser protetora na redução do risco de desajuste infantil, especialmente para crianças em desvantagem socioeconômica. Outro estudo dos mesmos autores demonstrou relação direta entre conflito conjugal destrutivo e práticas parentais negativas e habilidades sociais, bem como relação direta entre conflito conjugal construtivo para práticas parentais positivas e habilidades sociais. Dessa forma, essas evidências colaboram para a nossa compreensão do conflito conjugal e da parentalidade usando uma explicação de sistemas familiares para o desenvolvimento das crianças. Temos de ter um foco simultâneo no conflito conjugal e na parentalidade em domínios negativos e positivos como uma estratégia eficaz para desenvolver o ajuste social dos filhos (Hosokawa & Katsura, 2017).

**Parte II**  
**Metodologia**

## 2.1 Problema em estudo e pertinência

A família nuclear é um sistema constituído de subsistemas (conjugal, parental, filial e fraternal) que interagem entre si e determinam a dinâmica familiar. As relações parentais, independentemente de serem funcionais ou não, têm grande impacto sobre o subsistema filial, da mesma maneira como o funcionamento do subsistema conjugal é determinante para o desenvolvimento saudável dos filhos (Hameister et al., 2015).

Numa revisão sistemática de Jorge e González (2017) a respeito de estilos parentais em estudos conduzidos na América Latina, os autores encontraram 42 artigos, incluindo revisões teóricas e estudos psicométricos, nos quais a população foi composta por crianças, adolescentes e seus pais, divididos por três temas: os estilos parentais a partir da percepção dos filhos; os estilos parentais a partir da visão dos pais; e a inter-relação entre ambas as percepções. Partindo dos temas acima, Jorge e González (2017) observaram que a maioria dos pesquisadores afirmam que existe uma ligação íntima entre estilos parentais e as diretrizes implícitas, modelos e teorias sobre parentalidade, que são ajustáveis aos princípios normativos existentes nas diferentes sociedades e aos mais variados códigos culturais.

Também Rios et al. (2016), numa revisão bibliográfica da literatura brasileira sobre estudos incidindo nas práticas educativas e estilos parentais de 2008 a 2014, encontraram 10 artigos em que os resultados demonstram que o desempenho dos pais pode influenciar o comportamento dos filhos no contexto escolar, no interesse aos estudos, em situações de diagnósticos de TDAH e na prevenção e o próprio uso de drogas, proporcionando a aplicação de intervenções voltadas à população considerada mais vulnerável a práticas parentais negativas.

De acordo com Hameister et al. (2015), em uma revisão sistemática do efeito *spillover*, com destaque para a conjugalidade e a parentalidade, constatou-se escassez de pesquisas sobre o tema na população brasileira.

Destacamos também que a família é um sistema aberto, que sofre influência de outros sistemas humanos, tais como a família estendida, a escola, o trabalho, a igreja e outros, como também da sociedade em geral, que é um suprassistema (Calil, 2018). Sempre foi importante o estudo da família e de suas relações para que os cientistas psicossociais trouxessem dados factíveis e atuais a fim de entender e melhorar essas relações familiares. Diante disso, com a declaração da Organização Mundial da Saúde, em 11 de março de 2021, da pandemia da Covid-

19, tornou-se de suma importância pesquisas de como as famílias estão sendo impactadas pelos desdobramentos do SARS-CoV-2.

A pertinência teórica do presente trabalho de pesquisa está na oportunidade de estudar os EPs e o fenômeno do *spillover* em mais culturas que não as anglo-saxônicas, principalmente em países lusófonos, com um grupo de crianças na terceira infância. Destacamos como pertinência prática a contribuição de informações pertinentes para o delineamento de programas de promoção da saúde mental de crianças e famílias, assim como o delineamento de intervenções terapêuticas em clínicas e no ambiente escolar. E, apesar desta pesquisa ser transversal, com delineamento simples, também se torna sequencial ao estudar diferentes grupos da terceira infância dos seis aos 12 anos, com a utilização de instrumentos validados no Brasil com análise pormenorizada dos dados obtidos.

A revisão de literatura traz a importância de estudos referentes ao sistema familiar, com ênfase nos EPs, ajustamento da criança e ajustamento do casal, bem como outras variáveis como a idade, o gênero e a escolaridade dos pais e dos filhos. Essas variáveis são significativas para o estudo da dinâmica familiar, sua funcionalidade e seus desdobramentos de ordem psicossocial.

Com base na revisão de literatura efetuada, pretendemos com o presente estudo quantitativo de corte transversal responder à seguinte questão de investigação: “Como o ajustamento conjugal e os estilos parentais exercem um efeito conjunto no ajustamento das crianças ao longo da terceira infância?”

O objetivo geral do presente trabalho é averiguar o impacto do ajustamento conjugal e dos estilos parentais no ajustamento da criança em diferentes grupos da terceira infância, dos seis aos 12 anos.

De acordo com o objetivo geral, pretendemos alcançar os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar as associações entre o ajustamento conjugal, os estilos parentais e o ajustamento da criança e analisar outras variáveis como escolaridade dos pais e a idade dos filhos com relação a esses constructos;
2. Averiguar as diferenças existentes no ajustamento conjugal, nos estilos parentais e ajustamento da criança segundo os diferentes grupos etários das crianças (seis aos 12 anos);
3. Testar o modelo APIM com relação à díade conjugal e averiguar a sua adequação com diferentes variáveis familiares.

## 2.2 Delineamento

A presente pesquisa utiliza o tratamento quantitativo dos dados e enquadra-se como um estudo transversal, pois a informação foi colhida em um único momento, com delineamento simples, em que a amostragem foi não-aleatória, intencional, focando diferentes grupos de idades das crianças (Breakwell et al., 2010), procurando grupos equivalentes de idade e frequência de ano de escolaridade das crianças.

Pautamo-nos pelo paradigma positivista, com o olhar investigativo crítico, a partir da coleta de dados através de instrumentos psicométricos e a posterior análise estatística criteriosa a fim de confirmar ou não as hipóteses levantadas (Coutinho, 2014).

Na figura 1, apresentamos o modelo correlacional que pretendemos testar e verificar no grupo de participantes do presente estudo.

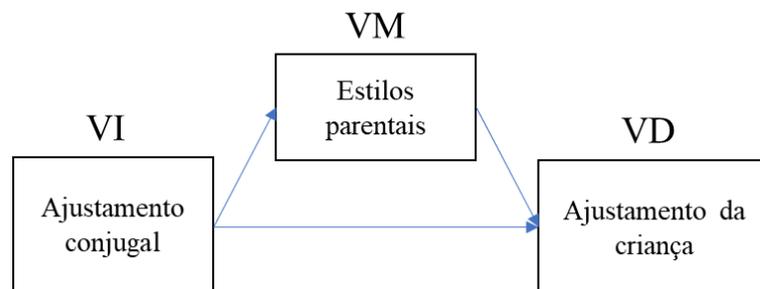


Figura 1. Modelo correlacional em estudo. Variáveis: VI – AC, VM - EPs e VD - Ajustamento da Criança.

Para responder ao problema de investigação, tendo em conta os objetivos descritos, as hipóteses levantadas são as seguintes, que serão verificadas estatisticamente nos resultados e embasadas na discussão:

H1. O EP autoritário correlaciona-se com o ajustamento da criança negativamente quanto à subescala do comportamento pró-social do SDQ e positivamente com relação a todas as outras subescalas do SDQ;

H2. O EP autoritativo correlaciona-se positivamente com o ajustamento da criança quanto à subescala do comportamento pró-social do SDQ e negativamente com relação a todas as outras escalas do SDQ;

H3. A escolaridade dos pais tem impacto em seus estilos parentais;

H4. O ajustamento conjugal correlaciona-se com os estilos parentais;

H5. O ajustamento conjugal correlaciona-se com o ajustamento da criança.

H6. Verificam-se diferenças nos estilos parentais entre grupos de pais com filhos de diferentes idades.

H7. Verificam-se diferenças no ajustamento conjugal entre grupos de pais com filhos de diferentes idades.

H8. Os meninos apresentam valores mais elevados na dimensão de problemas externalizados do que as meninas.

H9. As meninas apresentam valores mais elevados na dimensão de problemas internalizados do que os meninos.

H10. O ajustamento diádico e os estilos parentais exercem um efeito no ajustamento do filho, considerando a interdependência entre pais e mães das díades maritais.

### 2.3 Participantes

O grupo de participantes foi selecionado de forma intencional, não probabilística, em Brasília e cidades satélites do Distrito Federal, a partir de dezoito escolas, sendo dezesseis públicas e duas privadas. Os critérios de inclusão englobam pais brasileiros casados ou em união de facto, heterossexuais, com um ou mais filhos com idades entre os seis e os 12 anos e, como critério de exclusão, pais de outras nacionalidades, separados e com crianças menores de seis anos e/ou maiores de 12 anos.

Após as devidas autorizações da Comissão Ética do Centro de Investigação em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa e das Diretorias das escolas envolvidas, os dados foram recolhidos mediante os consentimentos informados por parte dos pais, seguindo as normas éticas da no Regulamento UE 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia e do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD) (Lei nº 58/2019 de 8 de agosto).

O grupo de participantes é constituído por 288 pais, 144 mães (50%) e 144 pais (50%), casados (73.6%) e em união de facto (26.4%), de nacionalidade brasileira (100%), majoritariamente com estudos superiores (44.4%) ou 12 anos de escolaridade (39.6%) e com idades compreendidas entre os 24 e os 65 anos ( $M = 40.05$ ;  $DP = 7.72$ ). A totalidade dos participantes são casais que moram juntos no momento da recolha (100%) que responderam ambos aos questionários de forma individual. A maioria dos pais (82.3%) indicou que não existe ou existiu algum acontecimento familiar que pudesse alterar o funcionamento familiar, mas ressaltamos que, dos pais que indicaram ter havido algum acontecimento que alterou a vida familiar, a pandemia da Covid-19 teve destaque (9.7%).

**Tabela 1***Características Sociodemográficas da amostra Geral e dos subgrupos de Pais e Mães (N=288).*

	n	%
Género		
Masculino	144	50
Feminino	144	50
Nacionalidade		
Brasil	288	100
Estado_civil		
Casado(a)	212	73.6
União de facto	76	26.4
Escolaridade		
1º ciclo	14	4.9
2º ciclo	10	3.5
3º ciclo	22	7.6
Ensino secundário	114	39.6
Licenciatura	119	41.3
Mestrado	9	3.1

Com relação aos filhos dos participantes, a maioria é do sexo masculino (53.5%), sendo que a idade de seis anos alcançou 20.8% ( $M = 8.62$ ;  $DP = 1.96$ ). Na amostra predominam crianças que frequentam o 1º ciclo do ensino básico (56.3%), que equivale ao ensino fundamental I no Brasil (1º ao 4º ano). Da presente amostra, 41.7% ( $M = 1.29$ ;  $DP = 1.05$ ) das crianças possuem apenas um irmão.

**Tabela 2***Características Sociodemográficas da amostra Geral e dos subgrupos de Filhos (N=288).*

	n	%
Género		
Masculino	154	53.5
Feminino	134	46.5
Escolaridade		
Jardim de Infância	42	14.6
1º ciclo	162	56.3
2º ciclo	52	18.1
3º ciclo	32	11.1

## 2.4 Instrumentos

Os instrumentos psicométricos usados, com as respectivas versões adaptadas ao contexto cultural brasileiro, para avaliar quantitativamente as variáveis em estudo, são respetivamente: o DAS – Escala de Ajustamento Diádico para o casal, que avalia o ajustamento conjugal, o PAQ-P – Questionário de Estilos Parentais para Pais, que avalia os estilos parentais, e o SDQ

– Questionário de Capacidades e Dificuldades relativo à criança, que avalia o ajustamento da criança na versão respondida pelos pais.

Usamos o Questionário Sociodemográfico para colhermos informações a respeito da caracterização do grupo de participantes e de seus filhos.

Todos os instrumentos citados são de autorrelato e foram respondidos manualmente por cada participante.

#### **2.4.1 *Questionário Sociodemográfico***

O questionário sociodemográfico aplicado aos responsáveis divide-se em três partes, sendo que a primeira se refere aos dados relativos aos pais, a saber: nacionalidade, género, idade, escolaridade e estado civil dos pais. A segunda refere-se aos dados relativos à criança sobre a qual o responsável responde no estudo, que são idade, sexo, ano de escolaridade e número de irmãos. Por fim, há também uma questão relativa à situação familiar, no sentido de ter havido algum acontecimento que alterou a vida familiar e, se positivo, a especificação desse a partir das seguintes opções: conflitos familiares, problemas em contexto familiar, problemas de saúde mental, luto/morte de familiares, problemas de saúde do próprio ou familiares, Covid-19, nascimento de um filho e mudança de trabalho ou residência.

#### **2.4.2 *Dyadic Adjustment Scale – DAS***

Para avaliar o ajustamento conjugal, utilizamos o DAS – Dyadic Adjustment Scale desenvolvido por Spanier (1976), na sua versão brasileira por Hernandez (2008). Foi construído com o objetivo de avaliar o ajustamento conjugal a partir de 32 itens que compreendem quatro dimensões de ajustamento diádico: consenso diádico, satisfação diádica, coesão diádica e expressão de afeto (Hernandez, 2008).

As respostas são obtidas através de uma escala tipo Likert, em que as perguntas 01 a 22 e de 25 a 28 são respondidas numa escala de cinco pontos, as perguntas 23 e 24 são respondidas numa escala de quatro pontos, as perguntas 25 a 28 são respondidas numa escala de cinco pontos, as perguntas 29 e 30 são respondidas dicotomicamente, e as perguntas 31 e 32 são respondidas numa escala de seis pontos. O resultado total do DAS pode variar de 0 a 151 pontos a partir da soma dos resultados nos quatro fatores: consenso (0 a 65), satisfação (0 a 50), coesão (0 a 24) e expressão de afeto (0 a 12), sendo que o indivíduo que tiver 101 pontos ou menos está em sofrimento no relacionamento conjugal e o que tiver 102 ou mais pontos está ajustado (Hernandez, 2008).

Os valores de consistência interna da escala original de Spanier (1976) são os seguintes: consenso diádico, .90; satisfação diádica, .94; coesão diádica, .86; expressão de afeto, .73, sendo a escala total (DAS), .96.

A versão portuguesa de Gomez e Leal (2008) apresenta os seguintes coeficientes *Alpha* de Cronbach: consenso diádico, .85; satisfação diádica, .83; coesão diádica, .72 e expressão de afeto, .65.

A versão brasileira da escala apresenta um coeficiente *Alpha* de Cronbach da escala total de .93, o que confirma a sua fidedignidade. O *Alpha* de Cronbach para as subescalas consenso foi de .86, para a de satisfação foi de .86, para a de coesão foi de .76 e para a de expressão de afeto foi de .62 (Hernandez, 2008).

O presente trabalho apresenta os seguintes os seguintes coeficientes *Alpha* de Cronbach: consenso diádico, .83; satisfação diádica, .67; coesão diádica, .67; e expressão de afeto, .58.

### **2.4.3 Questionário de Estilos Parentais para Pais – PAQ-P**

O PAQ-P – Questionário de Estilos Parentais para Pais foi adaptado para resposta de autorrelato dos pais e realizados estudos de validação para a população brasileira por Pires et al. (in press) e para a população portuguesa por Pires et al. (2011). O PAQ desenvolvido originalmente por Buri (1991) foi baseado na tipologia tripartida de estilos parentais de Baumrind, permitindo aceder aos estilos permissivo, autoritário e autoritativo. Os 30 itens, 10 por cada um dos tipos, são respondidos numa escala de Likert de 5 pontos, sendo (1) Discordo totalmente, (2) Discordo, (3) Não concordo e nem discordo, (4) Concordo, (5) Concordo totalmente (Buri, 1991; Pires et al., 2011; Pires et al., in press). A pontuação para cada subescala de EP pode variar entre 10 e 50 (valor máximo) (Pires et al., 2011; Pires et al., in press).

Na escala original de Buri (1991), o coeficiente de *Alpha* de Cronbach foi de .85 para a subescala do EP autoritário, de .75 para a subescala do EP autoritativo e de .82 para a subescala do EP permissivo.

A versão portuguesa apresenta os seguintes valores quanto à consistência interna: EP autoritário, .78; EP autoritativo, .80; e EP permissivo, .78 (Pires et al., 2011).

O *Alpha* de Cronbach encontrado para a população brasileira foi de .86 para a subescala do EP permissivo, para a subescala do EP autoritário foi de .93 e de .86 para a subescala do EP autoritativo, conforme Pires et al. (in press).

O presente estudo encontrou os seguintes coeficientes de *Alpha* de Cronbach: EP autoritário, .79; EP autoritativo, .79; e EP permissivo, .75.

#### 2.4.4 *Questionário de Capacidades e Dificuldades – SDQ-Port*

O Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) foi desenvolvido no Reino Unido por Goodman (1997) e o seu objetivo foi avaliar sintomas psicopatológicos em crianças e adolescentes. O SDQ tem três versões para a sua utilização, sendo uma para pais e professores de crianças de dois a quatro anos, uma para pais e professores de crianças e adolescentes de quatro a 17 anos e outra de autorrelato para adolescentes de 11 a 17 anos (Goodman, 1997). Será usada a versão para pais de crianças de quatro a 17 anos para a pesquisa do presente projeto. O SDQ é composto por 25 itens distribuídos em cinco subescalas com cinco itens cada, que compreendem sintomas emocionais, problemas de conduta, hiperatividade, problemas de relacionamento com os colegas e comportamento pró-social (Goodman, 1997). A escala usada para a apuração é tipo Likert contendo itens como resposta de três pontos, em que “Mais ou menos verdadeiro” é calculado como 1 e dicotômicos “Falso” e “Verdadeiro”. A pontuação total de dificuldades, cujo resultado pode variar de 0 a 40, é gerada pela soma dos resultados de todas as escalas com exceção da subescala de comportamento pró-social (Goodman, 1997).

A versão portuguesa adaptada por Abreu-Lima et al. (2010) apresenta os seguintes coeficientes de *Alpha* de Cronbach: sintomas emocionais, .65; problemas de conduta, .59; hiperatividade, .60; problemas com os colegas, .59; e comportamento pró-social, .68.

A versão brasileira do SDQ adaptada por Fleitlich et al. (2000) apresentou nas três versões valores próximos de .80 com relação ao *Alpha* de Cronbach, com boa consistência interna.

No presente estudo, além da subescala de comportamento pró-social (*Alpha* de Cronbach, .71), as subescalas sintomas emocionais e os problemas de relacionamento foram agregadas e denominadas de problemas internalizados, com o valor do *Alpha* de Cronbach de .65, e as subescalas problemas de conduta e hiperatividade foram agregadas e denominadas de problemas externalizados com o valor do *Alpha* de Cronbach de .78. Tal procedimento é comum na literatura, superando dessa forma os valores mais baixos encontrados para cada subescala individualmente.

Goodman et al. (2010) realizaram um estudo usando dados do SDQ de pais, professores e jovens de uma amostra representativa de crianças de cinco a 16 anos na Grã-Bretanha (N = 18.222) e perceberam que há suporte teórico e empírico preliminar para combinar as subescalas emocionais e de pares hipotéticas do SDQ em uma subescala denominada internalizante e as subescalas comportamentais e hiperatividade hipotéticas em uma subescala denominada externalizante, ao lado da quinta subescala pró-social. As análises fatoriais desse estudo apoiaram os fatores internalizantes e externalizantes de segunda ordem, e as subescalas

internalizantes e externalizantes mostraram boa validade convergente e discriminante entre os informantes e em relação ao transtorno clínico (Goodman et al., 2010).

Hosokawa e Katsura (2017) também agruparam as subescalas de sintomas emocionais e problemas de pares do SDQ para formar uma escala de problemas internalizados, aumentando o *Alpha* de Cronbach de .65 para .71, enquanto as subescalas problemas de conduta e hiperatividade foram agrupadas para formar uma escala de problemas externalizados, aumentando o *Alpha* de Cronbach de .74 para .77, como sugerido por Goodman et al. (2010), com pontuações mais altas indicando mais problemas comportamentais.

Dessa forma, os valores compósitos provenientes de subescalas são aceitáveis (Maroco, 2018).

**Tabela 3**

*Valores de Consistência Interna das Medidas (Alpha de Cronbach).*

Escalas	Original	Portugal	Brasil	Presente Estudo
DAS	(Spanier, 1976)	(Gomez & Leal, 2008)	(Hernandez, 2008)	
Consenso	.90	.85	.86	.83
Satisfação	.94	.83	.86	.67
Coesão	.86	.72	.76	.67
Expressão de afeto	.73	.65	.62	.58
PAQ-P	(Buri, 1991)	(Pires et al., 2011)	(Pires et al., in press)	
Autoritário	.85	.78	.93	.79
Autoritativo	.75	.80	.86	.79
Permissivo	.82	.78	.87	.75
SQD	(Goodman, 1997)	(Abreu-Lima et al., 2010)	(Fleitlich et al., 2000)	
Sintomas Emocionais		.65		.66
Problemas de conduta		.59		.61
Hiperatividade		.60		.73
Problemas com os colegas		.59		.49
Comportamento pró-social		.68		.71
Problemas Internalizados				.65
Problemas Externalizados				.78

*Nota.* Os valores de *Alpha* de Cronbach do SDQ original e a sua validação para o Brasil não foram revelados, mas reportam que os instrumentos têm boa consistência interna (Goodman, 1997; Fleitlich et al., 2000). Fonte: Elaboração própria.

## 2.5 Procedimentos

Este projeto está integrado ao Projeto “Funcionamento familiar, coparentalidade e ajustamento da criança: estudo comparativo intercultural” do Centro de Investigação em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa. O desenvolvimento desta pesquisa foi previamente aprovado pela Comissão de Ética do CIP, respeitando a Lei n. 58/2019 (Diário da República, n. 151/2019, Série I de 2019-08-08), que assegura a execução, na ordem jurídica nacional, do Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação de dados.

Com a respetiva aprovação, entramos em contato com várias equipas gestoras de escolas públicas e privadas brasileiras, na cidade de Brasília e arredores, com o intuito de expormos o projeto de pesquisa e conseguirmos possíveis parcerias. Algumas reuniões foram presenciais e outras virtuais. Atingimos o número de 16 escolas públicas e duas escolas particulares. A partir da aprovação da equipa gestora da escola, oferecemos uma palestra, na modalidade *on line*, para os pais dos alunos com a seguinte temática: “A relação entre pais e filhos na pandemia. Como superar os desafios?” Durante a palestra, os pais foram convidados a participarem da pesquisa com a apresentação da finalidade do estudo, da necessidade do consentimento informado, garantidos os deveres de confidencialidade, a possibilidade de recusa ou desistência do estudo sem qualquer tipo de prejuízo, e a explanação dos instrumentos de recolha de dados. Os pormenores foram expostos aos pais e as dúvidas sanadas. Os envelopes contendo os Termos de Consentimento Informado, os questionários sociodemográficos e os instrumentos psicométricos foram entregues à equipa psicopedagógica de cada escola, que entregaram aos pais que voluntariamente quiseram fazer parte da pesquisa, com a orientação de após serem preenchidos pelo pai e a mãe individualmente, serem colocados novamente dentro do envelope, devidamente lacrado com a fita autoadesiva já afixada em cada um. As escolas ficaram responsáveis pela entrega e a recolha dos envelopes. Em seguida, foram recolhidos os envelopes nas escolas no prazo máximo de 15 dias. Os envelopes foram abertos, e os questionários foram codificados para assegurar a privacidade, confidencialidade dos dados e o seu uso para o propósito da investigação em curso. Após a codificação e a transposição dos dados para o SPSS, os consentimentos informados foram guardados num local à parte dos questionários que serão guardados em local seguro e serão destruídos após cinco anos. Informamos que todos os participantes podem solicitar o acesso às publicações decorrentes do presente estudo.

Além disso, foi oferecido aos pais participantes após a recolha de dados um *workshop on line* de 2 horas com o título: “Psicoeducação e Orientação Parental: a relação entre pais e filhos”.

### **2.5.1 Estratégia de análise estatística**

Procedemos à limpeza e verificação de dados em falta, por meio das frequências de cada variável, e os valores encontrados foram superiores a 5%, havendo necessidade de recurso às técnicas de imputação de dados, sendo utilizada a imputação dos itens pela média estimada. Em seguida, fizemos a caracterização da amostra. Foi feita a estatística descritiva das variáveis demográficas, com as frequências nas variáveis nominais e ordinais e valores centrais e de dispersão, o mínimo e o máximo nas variáveis contínuas.

Procedemos à análise de consistência interna dos instrumentos mediante o cálculo do *Alpha* de Cronbach ( $\alpha$ ) para cada subescala dos três instrumentos DAS, PAQ-P e SDQ, a fim de verificar a sua adequação à amostra, sendo os valores encontrados superiores a .60, com exceção da subescala expressão afetiva do DAS, que obteve .58. Contudo é aceito nas Ciências Sociais o *Alpha* de Cronbach a partir de .60 (Maroco & Garcia-Marques, 2006) e também é considerada a consistência interna moderada entre .41 e .60 (Landis & Koch, 1977).

A avaliação de significância (alfa = .05) para aceitar ou rejeitar a hipótese nula (H0) foi considerada ao avaliar o intervalo de confiança (IC) de 95% com probabilidade de 5% de erro. Testamos a normalidade da amostra, recorrendo ao teste de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro Wilk, e, considerando a dimensão da amostra (N=288), seguimos o Teorema do Limite Central, assumindo a distribuição normal (N>30). Em seguida, procedemos ao teste de homogeneidade de variâncias de Levene.

Para o teste das hipóteses levantadas neste estudo (H1 a H9), recorreremos às correlações de Pearson, testes *t* de Student, regressão por *step-wise* e ANOVA fatorial para verificar a interação entre as variáveis. Foram feitos os procedimentos de análise de pós-teste por Tukey HSD dado o alto número de comparações (Kim, 2015), interpretado por processos de reamostragem por *bootstrap* (Maroco, 2007).

Para testar o modelo teórico em estudo (H10), analisando o efeito das variáveis ajustamento conjugal e EP no sentido de como se influenciam mutuamente, incluindo o efeito da interação entre ambas no Ajustamento da Criança, realizamos análises de mediação através da APIM (Actor-Partner Interdependence Model), utilizando o *Software R*.

As análises estatísticas foram feitas com a utilização do recurso Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 26.0 para Windows (IBM, INc.).

**Parte III**  
**Resultados**

### 3.1 Resultados descritivos das variáveis

Os valores das estatísticas descritivas obtidos pelos indivíduos nas dimensões das escalas de ajustamento conjugal (DAS), dos estilos parentais (PAQ-P) e do ajustamento da criança (SDQ) tanto da amostra geral como dos subgrupos de pais e mães estão contidos na Tabela 4.

Verificamos que o ajustamento conjugal é mais elevado na dimensão do consenso diádico ( $M = 52.26$ ;  $DP = 7.41$ ), em seguida na dimensão de satisfação ( $M = 29.51$ ;  $DP = 5.23$ ) e há valores mais baixos nas dimensões de coesão ( $M = 14.72$ ;  $DP = 4.65$ ) e expressão de afeto ( $M = 9.70$ ;  $DP = 1.99$ ) na amostra total como também nos subgrupos de pais e mães.

Verificamos, na amostra geral, um maior número de participantes, pais e mães, que adotam o EP Autoritativo ( $M = 40.75$ ;  $DP = 5.53$ ), seguido pelo EP Autoritário ( $M = 30.35$ ;  $DP = 7.11$ ) e um menor número com o EP permissivo ( $M = 19.78$ ;  $DP = 5.97$ ) como também nos subgrupos de pais e mães.

Verificamos um maior número de problemas externalizados ( $M = 15.72$ ;  $DP = 3.81$ ) na amostra geral como também nos subgrupos de mães e pais.

**Tabela 4**  
*Estatísticas Descritivas das Medidas DAS, PAQ-P e SDQ.*

Escala	Geral (N=288)				Mães (N = 144)				Pais (N = 144)			
	M	DP	min.*	máx.*	M	DP	min.*	máx.*	M	DP	min.*	máx.*
<i>DAS</i>												
Consenso diádico	52.26	7.41	26	65	52.62	7.41	32	65	51.9	7.42	26	65
Satisfação diádica	29.51	5.23	11	39	29.56	5.09	12	38	29.45	5.39	11	39
Coesão diádica	14.76	4.65	1	24	14.66	4.54	1	24	14.85	4.77	3	24
Expressão de afeto	9.70	1.99	3	12	9.69	1.95	3	12	9.71	2.04	4	12
<i>PAQ-P</i>												
Estilo autoritário	30.35	7.11	14	50	29.68	6.78	14	50	31.02	7.39	15	48
Estilo autoritativo	40.75	5.53	18	50	41.67	5.30	18	50	39.82	5.62	20	50
Estilo permissivo	19.78	5.97	10	47	19.49	5.78	10	46	20.07	6.16	10	47
<i>SDQ</i>												
Problemas externalizados <sup>@</sup>	15.72	3.81	10	30	15.75	4.01	10	30	15.68	3.61	10	25
Problemas internalizados <sup>@@</sup>	14.93	3.41	10	27	14.87	3.54	10	27	14.99	3.29	10	27
Comportamento pró-social	13.43	1.86	7	19	13.53	1.82	7	19	13.33	1.89	7	19

*Nota.* <sup>@</sup>Somatório das subescalas de problemas de conduta e de hiperatividade. <sup>@@</sup>Somatório das subescalas de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento. Valores corrigidos por “\*” reamostragem (*bootstrap*).

### 3.2 Correlações entre variáveis EPs, AC e Ajustamento da Criança

Na tabela 5 podemos apreciar os coeficientes de correlação entre os estilos parentais, o ajustamento conjugal e o ajustamento da criança a partir da amostra geral e, na tabela 6, os coeficientes de correlação entre as variáveis nos subgrupos de pais e mães.

A fim de testarmos a primeira hipótese (H1. O EP autoritário correlaciona-se com o ajustamento da criança negativamente quanto à subescala do comportamento pró-social do SDQ e positivamente com relação a todas as outras subescalas do SDQ), recorreremos à correlação paramétrica de Pearson.

O EP autoritário correlaciona-se de forma significativa e positiva com os problemas internalizados das crianças ( $r = .141, p < .05$ ) e de maneira significativa e negativa com os comportamentos pró-sociais ( $r = -.131, p < .05$ ) a partir da amostra geral.

Quanto ao subgrupo dos pais, o EP autoritário correlaciona-se de forma significativa e negativa com os comportamentos pró-sociais ( $r = -.129, p < .05$ ) e de forma significativa e positiva com os problemas externalizados ( $r = .134, p < .05$ ).

Quanto ao subgrupo das mães, o EP autoritário correlaciona-se de forma significativa e negativa com os comportamentos pró-sociais ( $r = -.124, p < .05$ ) e de forma significativa e positiva com os problemas internalizados ( $r = .160, p < .05$ ).

Confirma-se assim a hipótese apresentada.

Para testarmos a segunda hipótese (H2. O EP autoritativo correlaciona-se positivamente com o ajustamento da criança quanto à subescala do comportamento pró-social do SDQ e negativamente com relação a todas as outras escalas do SDQ), também recorreremos à correlação de Pearson.

Na amostra geral, o EP autoritativo correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas externalizados ( $r = -.181, p < .01$ ).

Ao analisarmos os dados do subgrupo dos pais, verificamos que o EP autoritativo correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas internalizados ( $r = -.157, p < .05$ ) e da mesma maneira com os problemas externalizados ( $r = -.221, p < .01$ ).

No subgrupo das mães, verificamos que o EP autoritativo correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas externalizados ( $r = -.153, p < .05$ ).

Confirma-se, dessa forma, parcialmente a segunda hipótese.

Para que possamos verificar a quarta hipótese (H4. O ajustamento conjugal correlaciona-se com os estilos parentais), utilizamos a correlação paramétrica de Pearson também.

A partir da amostra geral, verificamos que o EP autoritativo correlaciona-se de forma significativa e positiva com o ajustamento conjugal nas dimensões consenso ( $r = .123, p < .05$ ); satisfação ( $r = .136, p < .05$ ); e coesão ( $r = .196, p < .01$ ). O EP Permissivo correlaciona-se de forma significativa e positiva com a expressão afetiva ( $r = .143, p < .05$ ).

Quanto ao subgrupo dos pais, percebemos que o EP autoritário correlaciona-se de forma significativa e negativa com o consenso ( $r = -.155, p < .05$ ) e de igual maneira com a expressão afetiva ( $r = -.159, p < .05$ ). O EP autoritativo correlaciona-se de forma significativa e positiva com a satisfação ( $r = .157, p < .05$ ) e com a coesão ( $r = .190, p < .01$ ). O EP permissivo correlaciona-se de forma significativa e positiva com a expressão afetiva ( $r = .129, p < .05$ ).

Quanto ao subgrupo das mães, percebemos que o EP autoritativo correlaciona-se de forma significativa e positiva com a coesão ( $r = .216, p < .01$ ) e também com o consenso ( $r = .130, p < .05$ ).

Portanto, confirmada a hipótese enunciada.

A fim de testarmos a quinta hipótese, (H5. O ajustamento conjugal correlaciona-se com o ajustamento da criança), recorreremos à correlação de Pearson.

Na amostra geral, a correlação mais elevada ocorre entre as dimensões da coesão e dos problemas externalizados ( $r = -.178, p < .01$ ). A dimensão consenso correlaciona-se de maneira negativa e significativa com os problemas externalizados ( $r = -.120, p < .05$ ), e a dimensão expressão de afeto correlaciona-se de maneira positiva e significativa com os comportamentos pró-sociais ( $r = .127, p < .05$ ).

Na amostra dos pais, encontramos correlações significativas e positivas entre o comportamento pró-social e a coesão ( $r = .126, p < .05$ ), como também entre o comportamento pró-social e a expressão afetiva ( $r = .152, p < .05$ ). Houve correlações significativas e negativas entre os problemas externalizados e a satisfação ( $r = -.171, p < .01$ ), os problemas externalizados e a coesão ( $r = -.256, p < .01$ ) e os problemas externalizados e a expressão afetiva ( $r = -.168, p < .05$ ).

Na amostra das mães encontramos uma correlação significativa e positiva entre comportamento pró-social e consenso ( $r = .153, p < .05$ ).

Sendo assim, confirma-se a hipótese referida.

**Tabela 5***Correlações de Pearson das variáveis Ajustamento da Criança, Eps e AC (N = 288).*

Geral	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Comp. Pró-social	1	-.133*	-.244**	-.131*	.036	-.022	.115	.105	.112	.127*
Probl. Internalizado		1	.508**	.141*	-.073	.230**	-.082	-.089	-.009	-.070
Probl. Externalizado			1	.073	-.181**	.170**	-.120*	-.124*	-.178**	-.112
Autoritário				1	.071	.123*	-.107	-.053	.010	-.049
Autoritativo					1	-.058	.123*	.136*	.196**	.063
Permissivo						1	.099	-.041	-.001	.143*
Consenso							1	.555**	.468**	.545**
Satisfação								1	.468**	.476**
Coesão									1	.453**
Expressão afetiva										1

*Nota.* Tabela de correlações de Pearson com dados da amostra geral. Valores de  $p \leq .05^*$  e  $p \leq .01^{**}$  foram considerados significativos.

**Tabela 6***Correlações de Pearson das variáveis de Pais (N = 144) e Mães (N = 144).*

	Pais									
Mães	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
Comp. Pró-social		-.001	-.279**	-.129*	.046	.033	.077	.104	.126*	.152*
Probl. Internalizado	-.260**		.479**	.122	-.157*	.289**	-.109	-.098	-.043	-.056
Probl. Externalizado	-.214**	.533**		.134*	-.221**	.207**	-.124	-.171**	-.256**	-.168*
Autoritário	-.124*	.160*	.017		.074	.026	-.155*	-.065	-.043	-.159*
Autoritativo	.007	.013	-.153*	.105		-.030	.119	.157*	.190**	.064
Permissivo	-.077	.172**	.136*	.228**	-.075		.094	-.043	-.018	.129*
Consenso	.153*	-.052	-.109	-.037	.130*	.102		.582**	.511**	.630**
Satisfação	.101	-.094	-.087	-.025	.110	-.044	.523**		.504**	.537**
Coesão	.100	.023	-.105	.065	.216**	.017	.434**	.435**		.480**
Expressão afetiva	.101	-.085	-.060	.075	.065	.159	.458**	.414**	.423**	

*Nota.* Tabela de correlações de Pearson com dados da amostra de pais e mães. Valores de  $p \leq .05^*$  e  $p \leq .01^{**}$  foram considerados significativos.

### 3.3 Comparação das variáveis por subgrupos

#### 3.3.1 Comparação dos EPs por escolaridade dos pais

Com a intenção de verificarmos a terceira hipótese (H3. A escolaridade dos pais tem impacto em seus estilos parentais), procedemos à avaliação dos estilos parentais quanto à escolaridade dos pais através da análise de ANOVA fatorial, ao analisarmos dados não normais da escala PAQ-P: EP autoritário (Kolmogorov-Smirnov = .075,  $p < .05$ ), EP autoritativo (Kolmogorov-Smirnov = .081,  $p < .05$ ) e EP permissivo (Kolmogorov-Smirnov = .077,  $p < .05$ ), além da homogeneidade de variâncias de Levene para EP autoritário (Levene  $(5, 282) = 1.242, p > .05$ ), EP autoritativo (Levene  $(5, 282) = 1.137, p > .05$ ) e EP permissivo (Levene  $(5, 282) = 6.184, p < .05$ ). O resultado associado à análise da escala PAQ-P demonstra diferenças entre os grupos para a dimensão EP autoritário [Welch's  $F(5, 34.796) = 5.14, p < 0,05$ ] e EP permissivo [Welch's  $F(5, 33.61) = 8,586, p < 0,05$ ], mas não para EP autoritativo [Welch's  $F(5, 33.993) = 8,586, p = .527$ ]. Para o estilo autoritário, os procedimentos de análise de pós-teste por Tukey HSD, interpretado por processos de reamostragem por *bootstrap*, demonstraram diferenças significativas da Licenciatura para pais com o 1º ciclo ( $p < .05, 95\% Bootstrap [IC = -9.905b - -2.248b]$ ), 3º ciclo ( $p < .05, 95\% Bootstrap [IC = -9.130b - -2.118b]$ ) e Ensino secundário ( $p < .05, 95\% Bootstrap [IC = -4.897b - -1.556b]$ ). Para o estilo permissivo para pais com 3º ciclo com média maior que Ensino secundário ( $p < .05, 95\% Bootstrap [IC = .785b - 8.483b]$ ) e Licenciatura ( $p < .01, 95\% Bootstrap [IC = 2.750b - 10.007b]$ ). Portanto, confirma-se, parcialmente a terceira hipótese sobre a associação entre os estilos parentais e a escolaridade dos pais.

**Tabela 7**

*Comparação dos EPs por Escolaridade dos Pais (N = 288).*

PAQ-P Escolaridade	Autoritário				Autoritativo				Permissivo			
	M	DP	min.*	máx.*	M	DP	min.*	máx.*	M	DP	min.*	máx.*
1º ciclo	34.21	6.66	30.50	37.62	37.93	7.24	33.91	41.71	22.64	5.85	19.44	25.69
2º ciclo	31.50	5.56	28.18	35.36	40.90	5.26	37.50	44.19	20.20	4.69	17.53	23.12
3º ciclo	33.59	7.94	30.46	37.02	39.59	5.71	37.02	41.97	24.32	8.43	21.00	28.14
Ensino Secundário	31.26	7.31	30.03	32.79	40.62	4.92	39.63	41.55	19.86	5.51	18.85	20.81
Licenciatura	28.08	6.31	26.99	29.16	41.29	5.73	40.31	42.43	18.19	4.56	17.33	19.03
Mestrado	33.56	6.67	28.52	38.14	42.22	6.91	37.78	46.42	23.78	12.34	15.38	32.47

*Nota.* A média (M) e desvio padrão (DP) são apresentados com valores mínimos (min) e máximos (máx) para descrever a distribuição dos grupos. Valores corrigidos por '\*' reamostragem (*bootstrap*).

### 3.3.2 Comparação dos EPs por idade dos filhos

Com o propósito de verificarmos a sexta hipótese (H6. Verificam-se diferenças nos estilos parentais entre grupos de pais com filhos de diferentes idades), recorremos à ANOVA fatorial e avaliamos o pressuposto de homogeneidade de variâncias de Levene para os subgrupos de faixa etária para o EP Autoritário (Levene  $(3, 284) = .249, p = .862$ ), para o EP Autoritativo (Levene  $(3, 284) = 3.169, p < .05$ ) e para o EP Permissivo (Levene  $(3, 284) = 1.250, p = .292$ ). O resultado associado à análise da escala PAQ-P não demonstra diferenças entre os grupos de idades dos filhos para as dimensões Autoritário [Welch's  $F(3, 148,204) = .896, p = .445$ ], Autoritativo [Welch's  $F(3, 143,413) = 1.982, p = .119$ ] e Permissivo [Welch's  $F(3, 151,365) = 1.235, p = .299$ ]. Dessa maneira, a sexta hipótese não se confirma, pois não há diferenças significativas entre os estilos parentais em função das faixas etárias.

**Tabela 8**

*Comparação dos Eps por idade dos filhos (N = 288).*

PAQ-P Idade Filhos	Autoritário				Autoritativo				Permissivo			
	M	DP	min.*	máx.*	M	DP	min.*	máx.*	M	DP	min.*	máx.*
6 anos	30.32	7.11	28.51	32.12	39.47	5.36	38.14	40.85	19.67	4.97	18.36	20.79
7-8 anos	29.95	6.99	28.32	31.46	41.59	4.79	40.55	42.66	20.13	5.86	18.93	21.45
9-10 anos	31.32	7.15	29.84	32.88	40.92	5.08	39.78	42.09	20.38	6.69	19.10	21.73
11-12 anos	29.48	7.24	27.51	31.43	40.62	7.07	38.47	42.55	18.50	5.90	16.93	19.99

Nota. \*Reamostragem por *bootstrap*.

### 3.3.3 Comparação do AC por idade dos filhos

Com o objetivo de verificarmos a sétima hipótese (H7. Verificam-se diferenças no ajustamento conjugal entre grupos de pais com filhos de diferentes idades), realizamos a análise de ANOVA fatorial. Foi avaliada a normalidade da escala DAS: Expressão afetiva (Kolmogorov-Smirnov = .094,  $p < .05$ ), Coesão (Kolmogorov-Smirnov = .094,  $p < .05$ ), Satisfação (Kolmogorov-Smirnov = .102,  $p < .05$ ), Consenso (Kolmogorov-Smirnov = .094,  $p < .05$ ), e homogeneidade de variâncias de Levene para Expressão afetiva (Levene  $(3, 279) = .442, p = .723$ ), Coesão (Levene  $(3, 279) = .272, p = .846$ ), Satisfação (Levene  $(3, 279) = .211, p = .889$ ) e Consenso (Levene  $(3, 279) = 1.144, p = .332$ ). O resultado associado à análise da escala DAS demonstra diferenças para a categoria Coesão [ $F(3, 279) = 4.503, p < .05$ ], mas não para as categorias Expressão afetiva [ $F(3, 279) = 1.518, p = .21$ ], Satisfação [ $F(3, 279) = 2.522, p = .058$ ] e Consenso [ $F(3, 279) = 1.768, p = .115$ ]. Os procedimentos de análise de pós-teste por Tukey HSD, interpretado por processos de reamostragem por *bootstrap*, demonstraram diferenças significativas para Coesão do grupo de idade 11 e 12 anos para o grupo de 7 e 8 anos ( $p < .05$ ,

95% *Bootstrap* [IC = 0,945b – 4,045b]) e para o grupo de 9 e 10 anos ( $p < .05$ , 95% *Bootstrap* [IC = 0,867b -3,922b]). A hipótese é parcialmente confirmada, pois nem todos os grupos foram vistos como diferentes entre si. Além disso, é percebida a associação da idade mais ascendente dos filhos do grupo de 11 e 12 anos com os grupos mais novos que apresentam maior homogeneidade na resposta dos casais.

### Tabela 9

*Comparação do AC por idade dos filhos (N = 288).*

DAS	Coesão		Satisfação		Consenso		Expressão afetiva	
	M	DP min.* máx.*	M	DP min.* máx.*	M	DP min.* máx.*	M	DP min.* máx.*
Idade Filhos								
6a	14.83	4.49	13.75	16.06	29.78	5.21	28.25	31.03
7-8a	14.15	4.55	12.99	15.15	29.19	5.32	27.97	30.51
9-10a	14.12	4.50	13.15	15.10	28.63	5.49	27.46	29.83
11-12a	16.67	4.57	15.43	17.78	30.98	4.57	29.77	32.20

*Nota.* A média (M) e desvio padrão (DP) são apresentados com valores mínimos (min) e máximos (máx) para descrever a distribuição dos grupos. Valores corrigidos por ‘\*’ reamostragem (*bootstrap*).

### 3.3.4 Comparação do Ajustamento da Criança por gênero dos filhos

Para verificarmos a oitava e nona hipóteses (H8. Os meninos apresentam valores mais elevados na dimensão de problemas externalizados do que as meninas; H9. As meninas apresentam valores mais elevados na dimensão de problemas internalizados do que os meninos), recorremos ao Teste T. Quanto à hipótese oitava, os resultados demonstraram que meninos tiveram score estatisticamente maior ( $M = 16.10$ ;  $DP = 4.01$ ) do que meninas ( $M = 15.30$ ;  $DP = 3.53$ ) ( $t(286) = 1.88$ ,  $p = 0.06$ ) para a avaliação dos problemas externalizados. Portanto se confirma a hipótese referida.

Quanto à hipótese nona, os resultados não demonstraram diferenças estatisticamente significativas entre os valores de meninas e meninos quanto a problemas internalizados ( $t(267.3) = -.441$ ,  $p = 0.66$ ), não se confirmando a nona hipótese.

### Tabela 10

*Comparação por gênero das crianças (N = 288).*

SDQ	Geral	Meninos	Meninas	Meninos vs. Meninas		
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	t(df)	p	IC*
Ext. problemas	15.72(3.81)	16.10(4.01)	15.30(3.53)	1.88(285.95)	0.06	[-.04 1.71]
Int. problemas	14.93(3.41)	14.84(3.22)	15.02(3.64)	-.441(267.8)	0.66	[-.98 .62]

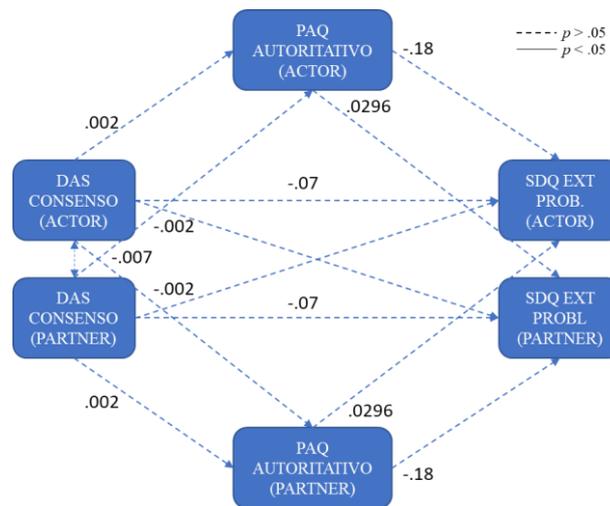
*Nota.* \*Reamostragem por *bootstrap*.

### 3.3.5 Análise APIM

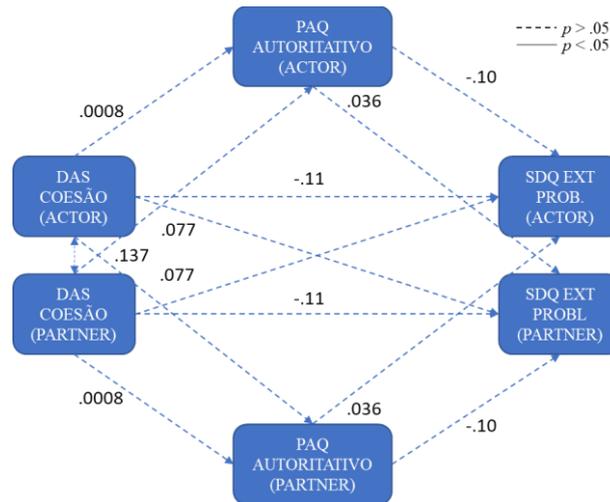
A fim de testarmos a décima hipótese (H10 – O ajustamento diádico e os estilos parentais exercem um efeito no ajustamento do filho, considerando a interdependência entre pais e mães das díades maritais), recorremos à análise APIM (Actor-Partner Interdependence Model). Julgamos ser a estratégia adequada, pois tem em consideração a influência mútua entre os membros do casal que partilham o quotidiano. Com base nas correlações significativas encontradas, testamos três modelos APIM. A referida hipótese foi parcialmente confirmada conforme resultados.

Antes de expormos os modelos, recorremos à análise de concordância para os casais. A análise de concordância, realizada por meio de Teste de Índice de Correlação Intraclasse, demonstra que não há diferenças significativas associadas com a escala DAS para Coesão [ $F_{(1,286)} = .864, p = .353$ ], Satisfação [ $F_{(1,286)} = .051, p = .821$ ] e Consenso [ $F_{(1,286)} = 1.574, p = .211$ ].

#### Modelo 1



## Modelo 2



## Modelo 3

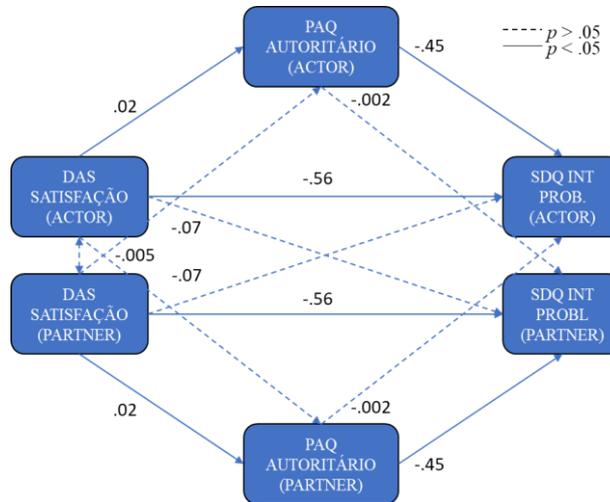


Figura 2. APIM – Ajustamento Conjugal, EPs e Ajustamento da Criança. As setas pontilhadas indicam que não há interação significativa, as setas cheias indicam a interação significativa,  $p \leq .05$ . Foram construídos 3 modelos: 1 – DAS + Estilo Parental Autoritativo  $\rightarrow$  Problemas externalizados; 2 – DAS + Estilo Parental Autoritativo  $\rightarrow$  Problemas externalizados; 3 – DAS + Estilo Parental Autoritário  $\rightarrow$  Problemas internalizados.

### 3.3.5.1 Modelo 1: Consenso Conjugal + Estilo Parental Autoritativo $\rightarrow$ Problemas Externalizados

No modelo da APIM, para averiguar o efeito do consenso conjugal e do estilo parental autoritativo sobre os problemas externalizados, foram avaliados os efeitos gerais sobre os problemas externalizados para os filhos pelos pais. O modelo foi avaliado sem distinção diádica.

O efeito do consenso conjugal ( $b = -0.07$ ) sobre a externalização dos problemas nos filhos não apresentou diferenças significativas ( $t = -0.26, p = .79$ ).

O efeito do estilo parental autoritativo ( $b = -0.18$ ) não é estatisticamente significativo ( $t = -0.58, p = .56$ ) na influência sobre os problemas externalizados.

O efeito de interação entre o consenso conjugal e o estilo parental autoritativo não apresentou efeitos significativos para a externalização dos problemas ( $t = .28, p = .78$ ).

**Tabela 11**  
*Modelo 1 – APIM.*

Efeito	Estimador	SE	95% IC		t	p
			IC-inf.	IC-sup.		
Fixed effects						
Intercept	23.05	13.23	-2.88	48.98	1.74	.08
Consenso	-.07	.026	-.57	.43	-.26	.79
Autoritativo	-.18	.031	-.79	.44	-.58	.56
Consenso*Autoritativo	.002	.006	-.01	.01	.28	.78

### 3.3.5.2 Modelo 2: Coesão Conjugal + Estilo Parental Autoritativo → Problemas Externalizados

No modelo da APIM para averiguar a influência da coesão conjugal e do estilo parental autoritativo sobre os problemas externalizados, foram avaliados os efeitos gerais sobre os problemas externalizados para os filhos pelos pais. O modelo foi avaliado sem distinção diádica.

O efeito da coesão conjugal ( $b = -0.11$ ) sobre a externalização dos problemas nos filhos não apresentou diferenças significativas ( $t = -.27, p = .79$ ).

O efeito do estilo parental autoritativo ( $b = -.10$ ) não é estatisticamente significativo ( $t = -.73, p = .47$ ) na influência sobre os problemas externalizados.

O efeito de interação entre a coesão conjugal e o estilo parental autoritativo ( $b = .0008$ ) não apresentou efeitos significativos para a externalização dos problemas ( $t = .09, p = .93$ ).

**Tabela 12**  
*Modelo 2 – APIM.*

Efeito	Estimador	SE	95% IC		t	p
			IC-inf.	IC-sup.		
Fixed effects						
Intercept	21.07	5.80	9.69	32.45	3.63	.0003
Coesão	-.11	.41	-.91	.69	-.27	.79
Autoritativo	-.10	.14	-.37	.17	-.73	.47
Coesão*Autoritativo	.0008	.01	-.02	.02	.09	.93

### 3.3.5.3 Modelo 3: Satisfação Conjugal + Autoritário → Problemas Internalizados

No modelo da APIM para averiguar a influência da satisfação conjugal e do estilo parental autoritário sobre os problemas internalizados, foram avaliados os efeitos gerais sobre os problemas internalizados para os filhos pelos pais. O modelo foi avaliado sem distinção diádica.

O efeito da satisfação conjugal ( $b = -0.55$ ) sobre a internalização dos problemas nos filhos apresentou diferenças significativas ( $t = -2.78, p = .01$ ).

O efeito do estilo parental autoritário é ( $b = -.46$ ) estatisticamente significativo ( $t = -2.48, p = .01$ ).

O efeito de interação entre a satisfação conjugal e o estilo parental autoritário ( $b = .02$ ) apresentou efeitos significativos para a internalização dos problemas ( $t = 2.65, p = .008$ ). O tamanho de efeito observado do modelo sobre os problemas internalizados apresenta um tamanho  $d = -.23$  que é pequeno para a interação, considerado o efeito independente de cada variável já descrita.

**Tabela 13**  
*Modelo 3 – APIM.*

Efeito	Estimador	SE	95% IC		t	p
			IC-inf.	IC-sup.		
Fixed effects						
Intercept	31.16	5.89	19.60	42.71	5.28	.00
Satisfação	-.55	.20	-.93	-.16	-2.78	.01
Autoritário	-.46	.19	-.82	-.10	-2.48	.01
Satisfação*Autoritário	.02	.006	-.004	.03	2.65	.008

**Parte IV**  
**Discussão**

## 4.1 Discussão

Com a apresentação dos resultados no capítulo anterior, passaremos às questões de investigação deste estudo.

### **H1. O EP autoritário correlaciona-se com o ajustamento da criança negativamente quanto à subescala do comportamento pró-social do SDQ e positivamente com relação a todas as outras subescalas do SDQ.**

No presente trabalho, ao nos reportarmos aos resultados encontrados na amostra geral e nos subgrupos de pais e mães, afirmamos que o EP autoritário se correlaciona de forma significativa e negativa com a dimensão do comportamento pró-social do ajustamento da criança e de forma significativa e positiva com a dimensão dos problemas internalizados e de forma positiva com a dimensão problemas externalizados, o que confirma a hipótese acima.

O ajustamento da criança pode ser medido a partir de seu comportamento pró-social, de problemas relacionados ao seu “mundo interno”, como ansiedade e depressão, nominados de problemas internalizados, e de problemas relacionados ao comportamento externalizado, tais como agressividade e hiperatividade, a que chamamos de problemas externalizados (Cosgrove et al., 2011; Achenbach et al., 2016).

Tais resultados expostos vêm ao encontro da literatura, por meio de estudos há algumas décadas, que demonstram que filhos de pais autoritários têm pouca habilidade social, comprometendo o seu comportamento pró-social, pois o estilo parental autoritário é considerado preditor de filhos mais retraídos e desconfiados (Cohen & Rice, 1997; Bee & Boyd, 2011). Ao restringirem as iniciativas das crianças frente à exposição de experiências desafiadoras e intervindo de maneira autoritária, os pais autoritários diminuem a capacidade de seus filhos de lidarem com situações difíceis (Sroufe, 1997). A parentalidade supercontroladora ou intrusiva, característica de pais autoritários, limita consideravelmente a capacidade de as crianças desenvolverem estratégias auto-regulatórias (Fox & Calkins, 2003).

Os estudos contemporâneos dão ênfase ao bem-estar da criança a partir de práticas e estilos parentais mais democráticos em oposição ao EP autoritário, que se utiliza de elevada punição como forma de controlar os comportamentos e atitudes da criança, restringindo a sua autonomia e expressão emocional e comportamental (Chora et al., 2019). Portanto, práticas educativas negativas podem culminar em prejuízo ao desenvolvimento infantil, levando a um repertório deficitário de habilidades sociais (Silva & Weber, 2018).

Percebemos que os resultados obtidos com relação à primeira hipótese demonstram que o EP autoritário gera problemas nas crianças tanto internalizados como angústias e depressão e externalizados como comportamentos de agressividade e dificuldades para enfrentar as situações estressantes (Gaspar & Matos, 2017).

## **H2. O EP autoritativo correlaciona-se positivamente com o ajustamento da criança quanto à subescala do comportamento pró-social do SDQ e negativamente com relação a todas as outras escalas do SDQ.**

Os resultados obtidos, tanto na amostra geral, como nos subgrupos dos pais e das mães demonstram que o EP autoritativo correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas internalizados e externalizados, porém não foi percebida correlação significativa positiva com relação à subescala do comportamento pró-social do SDQ. Portanto, a hipótese referida não foi totalmente confirmada.

Esses achados encontrados na presente amostra divergem parcialmente da literatura a respeito, pois estudos sobre estilos parentais demonstram que pais com um estilo autoritativo tendem a utilizar práticas de socialização das emoções mais positivas, enquanto os estilos autoritário e permissivo estão associados com o uso de práticas de socialização emocional mais negativas, sendo determinantes quanto ao ajustamento das crianças (Chora et al., 2019). Nas diversas culturas, o estilo parental autoritativo correlaciona-se de forma positiva quanto ao ajustamento social dos filhos (McKinney & Brown, 2017).

De acordo com Gomes (2019), filhos de pais autoritativos demonstram mais regulação emocional, mais confiança, têm maior capacidade de realizar tarefas, maior flexibilidade nas decisões e menor rigidez, o que previne comportamentos desajustados como baixa autoestima, problemas emocionais e comportamentais e estimula a independência e autonomia.

Os resultados convergentes com a literatura trazem mais uma colaboração de que o estilo parental autoritativo leva a uma prática positiva por parte dos cuidadores que influencia diretamente o ajustamento da criança com a correlação negativa desse estilo parental e a apresentação por parte da criança de problemas internalizados e/ou externalizados.

Brassell et al. (2016) demonstraram que práticas parentais adaptativas estão diretamente relacionadas a níveis mais baixos de problemas de internalização e externalização dos filhos, com implicações para a promoção do bem-estar no contexto familiar.

Omer e Fleury (2020) destacam pilares para uma relação mais saudável entre pais e filhos como a presença parental, o autocontrole dos pais, o apoio externo ao sistema familiar e

a imposição de limites e regras claras por parte dos pais aos seus filhos. E vemos que o estilo parental autoritativo vem ao encontro desses pontos, visto que os pais autoritativos são próximos afetivamente de seus filhos, mas também estabelecem regras e limites importantes para a autonomia e independência de suas crianças no mundo social.

### **H3. A escolaridade dos pais tem impacto em seus estilos parentais.**

Os resultados do presente estudo demonstram diferenças entre os grupos para o EP autoritário e o EP permissivo, mas não para o EP autoritativo. Para o EP autoritário os procedimentos de análise de pós-teste por Tukey HSD, interpretado por processos de reamostragem por *bootstrap*, demonstraram diferenças significativas da Licenciatura para pais com o 1º ciclo, o 3º ciclo e o Ensino secundário. Para o EP permissivo para pais com 3º ciclo com média maior que Ensino secundário e Licenciatura. Portanto, confirma-se parcialmente a terceira hipótese sobre a associação entre os estilos parentais e a escolaridade dos pais.

A literatura discorre que os pais com nível de escolaridade superior são verbalmente mais fluentes com os filhos e adotam comportamentos mais tolerantes e assertivos, em vez de controladores, negligentes ou ausentes (Hoff-Ginsberg & Tardiff, 1995). Assim, o nível de escolaridade mais elevado dos pais é um indicador forte de um estilo parental autoritativo (Barrett Singer et al., 2000).

De acordo com estudos, há influência do nível de escolaridade nos estilos parentais, no sentido de que os pais com um nível de escolaridade inferior mostram-se menos autoritativos do que pais com um nível de escolaridade superior (Barrett Singer et al., 2000; Gomes, 2010). De forma confirmatória, outros estudos indicam que os pais e mães com um nível de escolaridade maior identificam-se mais com o estilo autoritativo, diferentemente com os que têm um nível menor de escolaridade (Azkeskin et al., 2013; Bastaits et al., 2015).

Os estudos contemporâneos reiteram os resultados oriundos de décadas de pesquisa no sentido de que pais com um nível de escolaridade mais elevado demonstrassem mais conhecimento acerca das necessidades da criança e das estratégias mais eficazes relativas à parentalidade (Monteiro et al., 2017). Um exemplo disso, é o estudo de Brito (2018) sobre estilos parentais e mediação do uso de tecnologia para crianças, com resultados que corroboram que os pais com maior escolaridade têm mais controle afetivo, mediado por conhecimentos detidos e experiência sobre tecnologias, contrariamente a pais com menor grau de escolaridade (Brito, 2018).

Silva (2019), em seu estudo a partir da associação de problemas emocionais/comportamentos de crianças pré-escolares, indicadores de saúde e estilos parentais, demonstrou que o EP autoritário é mais frequente dentre os pais com menor escolaridade e menos frequente dentre os pais com mais escolaridade.

#### **H4. O ajustamento conjugal correlaciona-se com os estilos parentais.**

Os resultados encontrados neste estudo tanto na amostra geral como nos subgrupos de pais e mãe indicam que os EPs estão associados ao ajustamento conjugal. Observamos que o EP autoritativo correlaciona-se de forma significativa e positiva com o ajustamento conjugal nas dimensões consenso, satisfação e coesão, o EP permissivo correlaciona-se de forma significativa e positiva com a expressão afetiva e que o EP autoritário correlaciona-se de forma significativa e negativa com o consenso e a expressão afetiva.

A hipótese acima é confirmada e corrobora a literatura estudada no sentido de que a maneira como os pais se relacionam enquanto casal interfere no modo como eles criam seus filhos (Barker, 2000; Sá, 2008).

Estudos demonstram que casais com ajustamento conjugal satisfatório desenvolvem EPs mais adequados do que os pais que estão com relacionamento conflituoso, confirmando a hipótese acima (Gomez & Leal, 2008; Silva & Weber, 2018).

Nesse sentido, os dados obtidos nesta amostra são semelhantes a outros estudos que comprovam que casais com valores elevados nas dimensões consenso, expressão afetiva satisfação diádica e coesão relacionam-se com os filhos de maneira mais afetuosa com EPs mais adequados (Galvin et al., 2015; Silva & Weber, 2018).

Os autores Erel e Burman (1995), cunharam um termo para a associação entre a parentalidade e o ajustamento conjugal, denominado *spillover*. Essa interação entre parentalidade e relação conjugal tem grande influência na dinâmica familiar. Desde então, outros autores vêm estudando o *spillover* e suas consequências no sistema familiar.

Hosokawa e Katsura (2017) desenvolveram um estudo a respeito do conflito conjugal e as práticas parentais, efeito *spillover*, e o seu impacto na saúde mental infantil. Seus resultados confirmam o efeito *spillover*, no sentido de que o conflito conjugal destrutivo leva a práticas parentais negativas e que o conflito conjugal construtivo pode levar a práticas parentais positivas.

Mosmann et al. (2018) realizaram um estudo com o objetivo de investigar em crianças e adolescentes com e sem sintomas psicológicos clínicos, qual o papel discriminante das

variáveis da relação conjugal, parental e coparental de seus pais. Os autores ampliaram a visão do sistema familiar para além da díade parental ou a relação pai-filho/mãe-filho, pois, na sociedade ocidental, a divisão do trabalho coparental impacta na dinâmica familiar. Assim, os autores observaram a abrangência das complexas relações interacionais com resultados que também mostram a coparentalidade como um importante fator interveniente entre a conjugalidade e a parentalidade, pois reflete tanto na relação dos pais com a criança como dos cônjuges entre si, conforme o conceito *spillover*.

Mais um estudo, dessa vez, com uma amostra portuguesa, corrobora a hipótese acima, no sentido de que a díade de cuidadores que tem um bom ajustamento conjugal tende a adotar o EP autoritativo, considerado o mais positivo para o ajustamento da criança (Jarmela, 2020).

### **H5. O ajustamento conjugal correlaciona-se com o ajustamento da criança.**

De acordo com os resultados da amostra geral, houve significativas correlações entre o ajustamento conjugal e ajustamento da criança, sendo que a de maior destaque foi a inversamente proporcional entre a coesão diádica e os problemas externalizados da criança. A dimensão dos comportamentos sociais correlacionou-se de forma significativa e positiva com a expressão afetiva do ajustamento conjugal, e a dimensão consenso correlacionou-se de maneira negativa e significativa com os problemas externalizados.

A partir da amostra dos pais, reportamos que encontramos correlações significativas e positivas entre o comportamento pró-social e a coesão e o comportamento pró-social e a expressão, bem como correlações significativas e negativas entre os problemas externalizados e a satisfação, os problemas externalizados e a coesão e, finalmente, os problemas externalizados e a expressão afetiva. Enquanto, na amostra das mães, houve uma correlação significativa e positiva entre comportamento pró-social e consenso. Tais resultados confirmam a hipótese acima, que está em consonância com a literatura.

O clássico estudo de Erel e Burman (1995) demonstra que casais com níveis baixos de ajustamento conjugal têm a relação com os filhos afetada negativamente. De igual modo, Bornstein (1998), demonstrou que pais que não têm uma relação conjugal satisfatória tendem a perceber os filhos de forma negativa, sendo menos responsivos com eles, afetando o ajustamento dos mesmos. Dessa forma, os conflitos conjugais podem afetar o desenvolvimento emocional, comportamental e psicossocial dos filhos.

De acordo com Cummings et al. (2004), a exposição da criança aos conflitos conjugais de seus pais predispõe a criança ficar com problemas de ajustamento.

Tais achados são corroborados com estudos mais atuais.

A díade conjugal, quando apresenta bom ajustamento conjugal, é interessada e participativa na resolução de conflitos, mas, quando apresenta falta de interesse e empenho para essa resolução, impacta negativamente o sistema familiar, em especial, o ajustamento das crianças (Hameister et al., 2015; Peruchi et al., 2016).

Como referem Planalp et al. (2019), um bom ajustamento conjugal dos cuidadores são preditores de comportamentos mais sensíveis e responsivos com seus filhos, que, por sua vez, influencia positivamente o ajustamento da criança.

Nachoum et al. (2021) demonstraram que o ajustamento da criança está ligado a diversos fatores, dentre ele o ajustamento conjugal de seus cuidadores.

#### **H6. Verificam-se diferenças nos estilos parentais entre grupos de pais com filhos de diferentes idades.**

Os procedimentos de análise utilizados para a hipótese acima referida não demonstram diferenças significativas entre os grupos de idades para as dimensões EP autoritário, EP autoritativo e EP permissivo. Assim, nos resultados do nosso estudo, não encontramos indicadores estatisticamente significativos que comprovem as diferenças entre os estilos parentais em função das faixas etárias, não se confirmando a hipótese.

Os estilos parentais são desempenhados a partir da responsividade e exigência, no sentido de que a primeira dimensão educativa refere-se a compreensão que os pais manifestam com os seu filhos e o apoio emocional dado a eles e que a segunda dimensão refere-se a atividades de supervisão, disciplina e orientação (Maccoby & Martin, 1983; Costa et al., 2000; Pacheco, Silveira & Schneider, 2008).

Desse modo, o nosso estudo vai ao desencontro com a literatura clássica, que sugere que os EPs sofrem influências pela idade dos filhos, pois de acordo com a idade da criança, as exigências e o controle dos pais vão se modificando (Baumrind & Black, 1967; Bornstein, 1998; Minuchin, 1988).

Silva e Cavalcante (2015) realçam que a idade cronológica da criança vai determinar as suas demandas e desempenho de tarefas, pois o repertório de habilidades sociais torna-se mais amplo à medida que a idade das crianças aumenta, recorrendo menos aos adultos para a resolução de conflitos, o que vai influenciar também a maneira como os pais exercem a sua parentalidade.

Como refere Falcke et al. (2012), os estilos parentais vão sendo construídos na interação com os filhos, a partir da sua idade e de outras variáveis como as características idiossincráticas.

Gomes (2019), em seu estudo com uma amostra portuguesa, observou que a idade dos filhos revelou-se um preditor significativo do EP Autoritativo, pois, à medida que aumenta a idade dos filhos, aumenta a utilização do EP Autoritativo.

#### **H7. Verificam-se diferenças no ajustamento conjugal entre grupos de pais com filhos de diferentes idades.**

Os resultados associados à análise da escala DAS demonstraram diferenças para a categoria coesão, mas não para as categorias expressão afetiva, satisfação e consenso. Dessa forma, a hipótese foi parcialmente confirmada, pois além disso nem todos os grupos foram vistos como diferentes entre si. O facto de não haver diferença entre a funcionalidade conjugal de acordo com a idade dos filhos em todas as categorias ampara essa afirmação. Tais resultados não corroboram em sua totalidade os estudos a respeito.

Os estudos pioneiros sobre família, em especial sobre o constructo ajustamento conjugal, já demonstravam que a idade dos filhos produz influências nos comportamentos adotados pelos pais e que a posição referente à idade dos filhos é uma variável que influencia o clima emocional da família (Baumrind & Black, 1967; Bornstein, 1998; Minuchin, 1988).

O sistema familiar não é estático, visto que ele se adapta às mudanças que ocorrem no passar dos anos. O ciclo de vida familiar inicia-se a partir da união de duas pessoas ou mais e pode experienciar novas dinâmicas.

Uma das primeiras mudanças do sistema familiar é o nascimento do primeiro filho, trazendo desafios ao casal (Gouveia et al., 2015). A chegada de mais um membro à família vai demandar novas regras, e o casal terá de se reorganizar para manter o ajustamento conjugal (Calil, 2018).

A introdução desse novo membro na família e os cuidados exigidos aos cuidadores impactam o ajustamento conjugal. De acordo com a idade da criança, diferentes exigências são percebidas pelos pais.

De acordo com Margolin et al. (2001) um dos fatores que condicionam a coparentalidade é a idade dos filhos. Outro estudo demonstra que as mães que têm piores percepções da qualidade coparental são aquelas que pertencem a famílias em que as tarefas de cuidados não são partilhadas e em que há maiores índices de conflito interparental e menor qualidade conjugal (Margolin et al., 2004).

As crianças passam a se ver de forma mais independentes conforme a idade avança e recorrem menos a ajuda de adultos para resolução de conflitos, bem como tornam-se mais amadurecidas emocionalmente com o passar do tempo, o que influencia diretamente no ajustamento conjugal (Pavarino et al., 2005).

Apesar da maioria dos estudos serem no sentido de que a idade do filho influencia o ajustamento conjugal, trouxemos alguns autores que confirmam os nossos achados.

Pérez e Estrada (2006), em seu estudo, não encontraram diferença entre os casais conforme a idade dos filhos.

No estudo de Luz e Mosmann (2018), a conjugalidade para os indivíduos da sua amostra tinha o seu ciclo evolutivo próprio, não acompanhando o familiar, pois não havia diferença no ajustamento conjugal com a idade dos filhos.

Dessa forma, novos estudos devem ser realizados sobre essa temática a fim de entendermos melhor quais variáveis impactam o ciclo familiar com relação ao ajustamento conjugal.

#### **H8. Os meninos apresentam valores mais elevados na dimensão de problemas externalizados do que as meninas.**

O presente estudo obteve resultados que demonstraram que meninos tiveram escore estatisticamente maior do que meninas para a avaliação dos problemas externalizados. Dessa forma, a hipótese referida foi confirmada.

Tais resultados são corroborados por outros estudos no sentido de que meninos apresentam mais problemas externalizados do que meninas (Verhulst & Achenbach, 1995; Burt et al., 2009; Bongers et al., 2003). Outros estudos confirmam que os meninos têm escores mais altos para problemas externalizados do que meninas em diversas culturas (Lambert et al., 1994; Crijnen et al., 1997).

Saud & Tonelotto (2005) também obtiveram resultados em sua pesquisa com crianças em idade escolar em que os comportamentos externalizados e avaliados como inadequados ou mesmo agressivos foram mais característicos do género masculino.

Bandeira et al., (2006) realizou um estudo no Brasil com 257 crianças com faixa etária média de 8,62 anos, estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental, em que as evidências demonstraram que meninos exibem mais problemas externalizados do que meninas.

Temos de perceber que há diferenças entre os grupos de meninos e meninas no presente estudo, o que corrobora que nem todas as crianças respondem da mesma forma aos estímulos social (Soares & Sani, 2016).

Freitas (2020), em estudo com 337 crianças, evidenciou diferenças estatisticamente significativas entre meninas e meninos quanto aos problemas de comportamento externalizantes, com as crianças do sexo masculino apresentando resultados mais elevados.

Para entendermos o porquê de os meninos apresentarem valores mais elevados na dimensão de problemas externalizados, recorreremos aos fatores culturais, pois as formas de socialização são diferenciadas para meninos e meninas, atuando diretamente na forma como os padrões relacionais de desenvolvem (Abdi, 2010).

As diferenças do repertório social entre meninas e meninos podem ser explicadas a partir da forma diferenciada entre crianças do sexo masculino e feminino lidarem com as demandas do ambiente, pois tais comportamentos são muitas vezes reforçados culturalmente por diferenças de papéis de gênero feminino e masculino, gerando a expectativa de que os meninos apresentam mais reações não-habilidosas do que meninas nas relações sociais (Caballo, 2006).

De acordo com Correia-Zanini (2013) os meninos têm maior risco acadêmico pela junção de desempenho escolar pobre com manifestações externalizantes, pois eles apresentam mais problemas de externalização do que as meninas. Vários outros autores corroboram a hipótese do presente estudo no sentido de que os meninos são caracterizados por apresentarem mais problemas externalizados do que as meninas (Montroy et al., 2014; Reyna & Brussino, 2015; Correia-Zanini et al., 2016).

#### **H9. As meninas apresentam valores mais elevados na dimensão de problemas internalizados do que os meninos.**

Os resultados obtidos não demonstraram que meninas tiveram escore estatisticamente maior do que meninos para a avaliação dos problemas internalizados, indo ao contrário do que é descrito na literatura, ao não se confirmar a hipótese referida.

A criança pode reagir de diferentes maneiras à falta de suporte por parte de seus cuidadores, com a apresentação de problemas de externalização e/ou de internalização (Chora et al., 2019).

Vários estudos demonstram que meninas são mais sujeitas a desenvolver problemas de comportamento internalizados (Crijnen et al., 1997; Muris et al., 2003; Yahav, 2007; Letcher et al., 2009).

No Brasil, essa tendência de introjetar as dificuldades e somatizá-las pelas meninas também foi descrita de forma significativa em comparação aos meninos (Saud & Tonelotto, 2005; Marturano et al., 2005).

Como refere Marturano et al. (2005), em seu estudo, as meninas apresentam mais sintomas de ansiedade e depressão com queixas somáticas do que os meninos, com maior média na escala de problemas internalizados. Essa tendência de as meninas apresentarem escores mais elevados com relação aos problemas internalizados está exposta em um estudo comparativo de doze culturas (Crijnen et al., 1997).

Um levantamento feito por Bolsoni-Silva et al. (2016) também reforça que os problemas internalizados têm sido associados às meninas.

Percebemos que a literatura confirma uma interação entre o gênero feminino e a incidência de problemas internalizados, pois as meninas, pela cultura em geral, ficam à mercê de uma exposição mais acentuada à adversidade e diferenças de gênero nas correlações entre adversidade ambiental e comportamento. Tais resultados podem ser a base para práticas de atenção psicológica a essas crianças.

#### **H10. O ajustamento diádico e os estilos parentais exercem um efeito no ajustamento do filho, considerando a interdependência entre pais e mães das díades maritais.**

Os resultados obtidos por meio da análise APIM (Actor-Partner Interdependence Model) (Andrade et al., 2017), com base nas correlações significativas encontradas e a formulação de três modelos, nos permitiu confirmar parcialmente a hipótese referida.

No primeiro modelo da APIM, averiguamos o efeito do consenso conjugal e do estilo parental autoritativo sobre os problemas externalizados e avaliamos os efeitos gerais sobre os problemas externalizados para os filhos pelos pais. O efeito de interação entre o consenso conjugal e o estilo parental autoritativo não apresentou efeitos significativos para a externalização dos problemas.

No segundo modelo da APIM, averiguamos a influência da coesão conjugal e do estilo parental autoritativo sobre os problemas externalizados e avaliamos os efeitos gerais sobre os problemas externalizados para os filhos pelos pais. O efeito de interação entre a coesão conjugal e o estilo parental autoritativo não apresentou efeitos significativos para a externalização dos problemas.

No terceiro modelo da APIM, averiguamos a influência da satisfação conjugal e do estilo parental autoritário sobre os problemas internalizados e avaliamos os efeitos gerais sobre os problemas internalizados para os filhos pelos pais. O efeito de interação entre a satisfação conjugal e o estilo parental autoritário apresentou efeitos significativos para a internalização dos problemas.

Os resultados obtidos a partir do terceiro modelo vem ao encontro da literatura, pois o ajustamento da criança está estreitamente ligado aos estilos parentais como também ao ajustamento conjugal de seus cuidadores. Observamos o efeito *spillover* no último modelo de interação entre estilos parentais e ajustamento do casal.

Como referem Nelson et al. (2009), em seu estudo utilizando o Actor-Partner Interdependence Model (APIM), as relações testadas nos termos do efeito *spillover* levaram a resultados que sugerem que as medidas de estresse familiar se relacionam com respostas parentais de apoio e não apoio a seus filhos.

Estudos demonstram que o estilo parental autoritário tem sido associado a maiores problemas de comportamento, estabelecendo-se uma relação negativa entre ele e os problemas externalizados e internalizados dos filhos (Anthony & Vadakem, 2017; Sarwar, 2016; Shahla et al., 2011).

O efeito de interação entre a satisfação conjugal e estilo parental autoritário apresentou efeitos significativos para a internalização dos problemas, o que demonstra que quanto menor a satisfação conjugal maior a tendência de os pais exercerem o EP autoritário com o aumento da internalização de problemas por parte de seus filhos.

Destacamos o estudo clássico de Erel e Burman (1995), que demonstrou que casais com níveis baixos de satisfação conjugal, com conflitos intensos e frequentes, afetam negativamente a relação deles com os seus filhos.

Vários estudos destacam que o EP autoritário está associado a mais problemas internalizados, como ansiedade e medo (Anthony & Vadakem, 2017; Piquart, 2017) e/ou externalizados como agressividade e hiperatividade (Braza et al., 2013; Tavassolie et al., 2016).

**Parte V**  
**Conclusão**

## 5.1 Conclusão

A família é o *locus* em que a criança vai experienciar os seus primeiros vínculos, e a maneira pela qual essa criança se relaciona com os seus cuidadores nesse sistema vai ser capital para o seu resultado como pessoa.

Uma relação de afeto entre pais e filhos com o uso de práticas positivas de parentalidade tanto com bebês quanto com crianças mais velhas produz benefícios físicos e psicológicos ao desenvolvimento infantil (Miller & Commons, 2010).

A forma como esses pais exercem esses estilos parentais tem influência no desenvolvimento da criança (Silva, 2017) e a qualidade das interações dos pais com os seus filhos contribui para a construção de uma relação de confiança e intimidade entre eles (Pinto et al., 2014).

Neste estudo, pudemos observar vários sistemas familiares compostos por pai, mãe e filho(s) a fim de responder o problema central da pesquisa de como o ajustamento conjugal e os estilos parentais exercem um efeito conjunto no ajustamento das crianças ao longo da terceira infância.

Os resultados obtidos demonstraram que os estilos parentais conjuntamente com o ajustamento do casal têm um efeito contundente no ajustamento das crianças, o que chamamos de efeito *spillover*. Este termo foi cunhado por Erel e Burman (1995). Desde então vários autores vêm estudando este efeito nos sistemas familiares e verificado que a qualidade da relação conjugal impacta o subsistema parental com consequências também ao subsistema filial (Nelson et al., 2009; Merrifield & Gamble, 2013; Hameister et al., 2015; Hosokawa & Katsura, 2017).

Destacamos que o estilo parental majoritário da presente amostra foi o autoritativo, no qual os cuidadores demonstraram serem responsivos, calorosos e, ao mesmo tempo, exigentes e participativos nas vidas de seus filhos. Os pais responsivos ajudam as crianças a terem uma regulação emocional mais eficaz e segura, com benefícios de reduzir os problemas de saúde mental no desenvolvimento posterior delas (Miller & Commons, 2010; Longo et al., 2017; Delvecchio et al., 2020).

A partir das interações entre os estilos parentais e o ajustamento da criança, na presente pesquisa, observou-se que quanto mais autoritativos os pais menos problemas externalizados apresentaram os filhos; por sua vez, quanto mais autoritários os pais mais problemas internalizados e menos comportamentos pró-sociais apresentaram os filhos; e, por derradeiro,

quanto mais permissivos os pais mais problemas internalizados e externalizados apresentaram os filhos.

Por meio da APIM (Actor-Partner Interdependence Model) (Andrade et al., 2017), ao adicionarmos o ajustamento conjugal aos estilos parentais e ao ajustamento da criança, evidenciou-se que quanto menor a satisfação do casal, mais autoritários foram os pais e mais problemas internalizados apresentaram os filhos. Dessa forma, verificou-se a interação com o ajustamento conjugal associado ao ajustamento da criança por intermédio dos estilos parentais.

Os objetivos do presente trabalho foram alcançados ao averiguarmos o impacto do ajustamento conjugal e dos estilos parentais no ajustamento da criança em diferentes grupos em idade escolar, levantando hipóteses de interação entre diversas variáveis como EPs e ajustamento da criança, ajustamento conjugal e EPs, ajustamento conjugal e ajustamento da criança, além de correlações por escolaridade dos pais e idade e género dos filhos. Além disso, testamos o modelo da APIM com relação à díade conjugal e averiguamos a sua adequação com diferentes variáveis familiares. Todas as hipóteses levantadas foram respondidas, tendo como base a questão de investigação e a teoria referida.

Os resultados descritos corroboraram, em sua grande maioria, a literatura sobre sistemas familiares e seus subsistemas, desenvolvimento e ajustamento infantil e, em especial, a abordagem parental, categorizada a partir dos comportamentos dos pais em detrimento da capacidade de resposta (calor) e exigência (controle) deles, de acordo com uma combinação de dimensões parentais denominadas de estilos parentais inicialmente por Baumrind (1966) e completada por Maccoby & Martin (1983). A partir desses autores clássicos, buscamos a continuidade de estudos até chegarmos à atualidade sobre o tema, destacando o que entendermos serem mais próximos ao que pesquisamos e expondo os seus resultados a fim de embasar os nossos próprios resultados (Achenbach et al., 2016; McKinney e Brown, 2017; Silva & Weber, 2018; Chora et al., 2019; Nachoum et al., 2021).

Outros trabalhos de temática semelhante a este corroboram os nossos resultados, pois demonstraram que pais e mães com EP autoritativo estão associados a melhor ajustamento da criança, visto que pais atentos às necessidades dos filhos durante situações emocionalmente desafiadoras dão suporte a eles e lhes ensinam quais estratégias são mais eficazes para reduzir o estresse até quando as crianças consigam agir de modo autónomo (Amaral et al., 2020; Delvecchio et al., 2020; Freitas, 2020; Jarmela, 2020; Omer & Fleury, 2020; Tralhão et al., 2020; Andrades et al., 2021).

Esperamos que as implicações do presente estudo nos países lusófonos possa trazer contribuições teóricas, ao trazer resultados científicos robustos e significativos sobre o sistema familiar e suas dimensões conjugal, parental e filial, como também contribuições práticas com o objetivo do bem-estar das famílias.

## 5.2 Contribuições, limitações e sugestões

O presente estudo espera contribuir para a pesquisa sobre a temática familiar para a comunidade acadêmica, em especial à portuguesa e à brasileira, em virtude da escassez de trabalhos a respeito com essa população. O contributo teórico maior do nosso trabalho foi, por meio de uma amostra comunitária, ter obtido resultados que corroboraram a literatura especializada. O efeito *spillover* foi confirmado a partir das interações entre os estilos de autoridade parental, o ajustamento conjugal e o ajustamento da criança. Os dados foram significativos e proporcionaram a análise de várias interações específicas com as dimensões das escalas utilizadas dos estilos parentais, do ajustamento do casal e do ajustamento da criança.

Quanto às limitações do nosso estudo, destacamos que realizamos a pesquisa durante a pandemia da Covid-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde em 12 de março de 2020. Na localidade específica da pesquisa, Brasília/DF, as aulas foram suspensas durante meses e, como optamos pela pesquisa presencial, tivemos de aguardar o retorno às aulas. Inicialmente, as aulas foram apenas virtuais, depois passou-se ao ensino híbrido, no qual em uma semana os alunos tinham aulas presenciais e na semana seguinte aulas virtuais. Contactamos 26 escolas públicas e particulares, sendo que 17 escolas participaram da pesquisa. Em algumas escolas a adesão dos pais foi mínima, mas na média 10% das famílias participaram da pesquisa. Outra limitação foi o perfil da família estudada, que foi o da família tradicional, com pais casados ou em união de facto. Essa tipologia familiar no universo das escolas públicas, que foram a maioria, era ínfima, o que nos impediu de ter uma amostra maior. Outra limitação que podemos apontar foi o facto de os nossos instrumentos serem todos de autorrelato, o que pode causar certa contaminação nas respostas, podendo não ser a resposta real, mas a socialmente aceitável. Além disso, os instrumentos são muito extensos, e acreditamos que isso tenha contribuído por muitos pais entregassem os envelopes em branco ou com o preenchimento incompleto dos questionários, com o descarte desses dados, o que configurou também uma limitação encontrada no nosso estudo.

Destacamos a contribuição prática do nosso estudo na própria população da amostra. A pesquisa acadêmica, a nosso ver, deve ir à comunidade para que ela se beneficie do saber científico. Antes da coleta dos instrumentos, desenvolvemos um projeto de palestras por nós executado para a comunidade escolar com o intuito de divulgar a pesquisa às famílias e também de acolher as famílias brasileiras em um dos momentos mais críticos do nosso planeta, que foi e está sendo a pandemia da Covid-19. As famílias encontravam-se em isolamento social e experienciavam o compartilhamento de espaço e de tempo de forma integral entre seus membros. A palestra intitulada “A relação entre pais e filhos na pandemia. Como superar os desafios?” foi feita de forma virtual e alcançou quase duas mil pessoas, que a assistiram de forma síncrona ou assíncrona. Após a coleta de dados, também foi oferecido aos pais participantes um minicurso de 2 horas com o título “Psicoeducação e orientação parental: a relação entre pais e filhos”. Neste minicurso, os pais foram instruídos de acordo com o saber científico. Dessa forma, a pesquisa esteve sempre perto do seu público. Esperamos que, com os resultados obtidos neste trabalho, outras intervenções sejam delineadas baseadas na evidência científica.

Conforme relatam Hameister et al. (2015), as ações buscando a melhoria da família, com destaque para o subsistema conjugal, levam a resultados benéficos para a relação que se estabelece com o subsistema parental. Da mesma maneira como ocorre no processo psicoterapêutico da família, a partir da visão sistêmica, o principal enfoque é colocado na relação da díade (Barker, 2000; Consoli et al., 2018).

Sugerimos também que as escolas desenvolvam programas de formações parentais a todas as famílias das suas comunidades. Por fim, nós profissionais que trabalhamos com famílias, crianças e adolescentes carecemos de pesquisas com fundamentos científicos. Portanto, outra sugestão é que profissionais habilitados na área de família, a partir de dados científicos, possam instruir outros profissionais, para que eles sejam multiplicadores de intervenções para o público alvo da nossa pesquisa como também outras configurações familiares.

O ajustamento da criança perpassa pela relação que ela estabelece com os seus pais, sendo fundamental o trabalho dos psicoterapeutas infantis e de família por meio da psicoeducação e orientação parental, não apenas como intervenção, mas também como prevenção.

Cukier (2015) relata que ZerKa Moreno, psicodramatista e psicoterapeuta infantil, quando esteve no Brasil em 1993, disse ao iniciar sua palestra que considerava uma questão profilática e de saúde pública a criação urgente de escolas para pais. Além disso, a identificação

precoce dos problemas, antes do encaminhamento dessas crianças para serviços de clínicas e outras instituições, está de acordo com a Psicologia Preventiva (Oliveira, 2012).

Estudos como o presente, que identificam variáveis importantes, podem auxiliar a planejar intervenções eficazes e eficientes para que os problemas sejam resolvidos no menor tempo possível, sem prejuízos maiores, ao sistema familiar.

## Referências

- Abdi, B. (2010). Gender differences in social skills, problem behaviours and academic competence of Iranian kindergarten children based on their parent and teacher ratings. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 5, 1175-1179. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.07.256>
- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A., Brandão, T., Cruz, O., Gaspar, M., & Santos, M. (2010). *Avaliação de intervenções de educação parental*. [Evaluation of parenting interventions: Report 2007-2010]. [http://www.cnpqjr.pt/preview\\_documentos.asp?r=3493&m=PDF](http://www.cnpqjr.pt/preview_documentos.asp?r=3493&m=PDF)
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles*. University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- Achenbach, T. M., Ivanova, M. Y., Rescorla, L. A., Turner, L. V., & Althoff, R. R. (2016). Internalizing/Externalizing problems: Review and recommendations for clinical and research applications. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 55(8), 647-656. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2016.05.012>
- Aedo A. A. (2016). *Estilos de crianza, necesidades psicológicas básicas, bienestar y el rendimiento académico* [Master's thesis, Pontificia Universidad Católica del Peru]. Pontificia Universidad Católica del Peru Repository. Retrieved from <http://hdl.handle.net/20.500.12404/8466>
- Airés, P. (2019). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, Trad.; 2ª ed.). LTC.
- Akcinar, B., & Baydar, N. (2014). Parental control is not unconditionally detrimental for externalizing behaviors in early childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 38(2), 118–127. <https://doi.org/10.1177/0165025413513701>
- Alencar-Rodrigues, R., Neves, M. S., & Pereira, J. (2007). Experiência migratória: Encontro consigo mesmo? *Percepções de brasileiros sobre sua cultura e mudanças pessoais*. *Aletheia*, (26), 168-180. Recuperado em 17 de Março de 2022 de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013567014>

- Amaral, M. V. (2018). *Habilidades sociais de meninas e meninos no ensino fundamental I: Associação com problemas de comportamento e desempenho escolar*. [Master's Dissertation, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto]. University of São Paulo, Ribeirão Preto Repository. <https://doi.org/10.11606/D.59.2019.tde-04012019-133708>
- Amaral, R., Monteiro, L., Santos, C., & Torres, N. (2020). Crenças sobre o papel do pai numa amostra de homens Portugueses: Implicações para uma parentalidade positiva. *Psicologia: Revista da Associação Portuguesa Psicologia*, 34(2), 159–170. <https://doi.org/10.17575/psicologia.v34i2.1517>
- Amso, D., & Casey, B. J. (2006). Beyond what develops when: Neuroimaging may inform how cognition changes with development. *Current Directions in Psychological Science*, 15(1), 24-29. <https://doi.org/10.1111%2Fj.0963-7214.2006.00400.x>
- Andrade, A. L., & Garcia, A. (2012). Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação de qualidade em relacionamentos românticos – Aquarela-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 634-643. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000400002>
- Andrade, A. L. D., Cassepp-Borges, V., Ferrer, E., & Sanchez-Aragón, R. (2017). Análises de dados diádicos: Um exemplo a partir da pesquisa com casais. *Trends in Psychology*, 25, 1571-1588. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-05>
- Andrades, B. D'A., Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2021). Qualidade conjugal: paralelo entre a perspectiva de casais e instrumentos de medida. *Revista de Psicología*, 39(2), 497-530. <https://doi.org/10.18800/psico.202102.001>
- Anthony, J., & Vadakedom, S. (2017). Parenting and its influence on child behaviour. *Journal of Evidence Based Medicine and Healthcare*, 4 (94), 5806-5811. <https://doi.org/10.18410/jebmh/2017/1169>
- Azkeskin, K. E., Güven, G. G., Güral, M. G., & Sezer, T. (2013). Parenting styles: Parents with 5-6 year old children. *Journal of Educational & Instructional Studies in the World*, 3(1), 74- 82. Retrieved from <https://hdl.handle.net/10451/37094>

- Bandeira, M., Rocha, S. S., Souza, T. M. P. D., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. *Estudos de Psicologia (Natal)*, *11*, 199-208. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200009>
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: Revisiting a neglected construct. *Child Development*, *67*(6), 3296–3319. <https://doi.org/10.2307/1131780>
- Barroso, M. G. T., Marques, M. D. F. C., Silveira, N. S. P., & da Costa Pinheiro, P. N. (2000). A família brasileira numa visão cultural. *Rev Rene*, *1*(2). Recuperado em 17 de Março 2022, de <http://periodicos.ufc.br/rene/issue/view/465>
- Bastaitis, K., Ponnet, K., Van Peer, C., & Mortelmans, D. (2015). The parenting styles of divorced fathers and their predictors. *Journal of Social & Personal Relationships*, *32*(5), 557- 579. <https://doi.org/10.1177/0265407514541070>
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, *37*(4), 887-907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrind, D. (1971). Harmonious parents and their preschool children. *Developmental Psychology*, *4*(1, Pt.1), 99-102. <https://doi.org/10.1037/h0030373>
- Baumrind, D. (1975). The contributions of the family to the development of competence in children. *Schizophrenia Bulletin*, *1*(14), 12–37. <https://doi.org/10.1093/schbul/1.14.12>
- Baumrind, D., & Black, A. E. (1967). Socialization Practices Associated with Dimensions of Competence in Preschool Boys and Girls. *Child Development*, *38*(2), 291–327. <https://doi.org/10.2307/1127295>
- Barker, P. (2000). *Fundamentos da terapia familiar* (F. Andersen, Trad.). Climepsi.

- Barrett Singer, A. T. & Weinstein, R. S. (2000). Differential parental treatment predicts achievement and self-perceptions in two cultural contexts. *Journal of Family Psychology, 14*(3), 491 -509. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.14.3.491>
- Basso, L. A., Fortes, A. B., Steinhorst, E., & Wainer, R. (2019). O efeito dos estilos parentais e esquemas desadaptativos precoces no desenvolvimento da personalidade: uma revisão sistemática. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy, 41*, 301-313. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2017-0118>
- Bee, H., & Boyd, D. (2011). *A Criança em Desenvolvimento* (C. Monteiro, Trad.; 12ª ed.). Artmed.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: Impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*(2), 261-268. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200012>
- Benoit, J. C. (2004). *Tratamento das perturbações familiares*. (M. H. Mouat, Trad.; 2ª ed.). Climepsi.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2016). Simultaneous assesment of social skills and behavior problems: Education and gender. *Estudos de Psicologia (Campinas), 33*, 453-464. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300009>
- Bongers, I. L., Koot, H. M., Van der Ende, J., & Verhulst, F. C. (2003). The normative development of child and adolescent problem behavior. *Journal of abnormal psychology, 112*(2), 179. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.112.2.179>
- Bontempo, R., Lobel, S., & Triandis, H. (1990). Compliance and value internalization in Brazil and the US: Effects of allocentrism and anonymity. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 21*(2), 200-213. <https://doi.org/10.1177/0022022190212004>
- Bornstein, M. (1998, April). Refocusing on parenting. In *Proceedings of the conference held in Madison, Wisconsin*. Retrieved <http://parenthood.library.wisc.edu/Bornstein/Bornstein.html>

- Brassell, A. A., Rosenberg, E., Parent, J., Rough, J. N., Fondacaro, K., & Seehuus, M. (2016). Parent's psychological flexibility: Associations with parenting and child psychosocial well-being. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 5(2), 111-120. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2016.03.001>
- Braza, P., Carreras, R., Muñoz, J., Braza, F., Azurmendi, A., Pascual-Sagastizábal, E., Cardas, J., & Sánchez-Martín, J. (2013). Negative maternal and paternal parenting styles as predictors of children's behavioral problems: Moderating effects of the child's sex. *Journal of Child and Family Studies*, 24 (4), 847-856. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9893-0>
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. Artmed.
- Brito, R. (2018). Estilo parental e mediação do uso de tecnologias por crianças até 6 anos. *Da Investigação às Práticas: Estudos De Natureza Educacional*, 8(2), 21-46. <https://doi.org/10.25757/invep.v8i2.155>
- Buri, J. R. (1991). Parental authority questionnaire. *The Journal of Personality Assessment*, 57, (1), 110-119.
- Burt, S. A., Mikolajewski, A. J., & Larson, C. L. (2009). Do aggression and rule-breaking have different interpersonal correlates? A study of antisocial behavior subtypes, negative affect, and hostile perceptions of others. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 35(6), 453-461. <https://doi.org/10.1002/ab.20324>
- Caballo, V. E. (2006). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. Santos.
- Calil, V. L. L. (2018). *Terapia familiar e de casal* (10ª ed.). Summus.
- Caputo, R. K. (2004). Parent Religiosity, Family Processes, and Adolescent Outcomes. *Families in Society: Journal of Contemporary Social Services*, 85(4), 495-510. <https://doi.org/10.1177/104438940408500408>

- Carnacchioni, D. (2017). *Manual de direito civil: volume único*. JusPodivm.
- Carvalho, M. P. C., Leite, C. R., & de Souza, D. Q. M. (2021). Percepção dos pais de crianças pequenas sobre o Ensino Remoto e o Estilo Parental assumido durante a pandemia do COVID-19. *Sala 8: Revista Internacional em Políticas, Currículo, Práticas e Gestão da Educação*, 1(1), 137-158. <http://doi.org/10.29327/235555.1.1-10>
- Chao, R. K. (2001). Extending research on the consequences of parenting style for Chinese Americans and European Americans. *Child Development*, 72(6), 1832–1843. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00381>
- Chora, M., Monteiro, L., Ramos, M., & Amaral, R. (2019). Um olhar sobre o papel do pai na compreensão emocional das crianças: Os estilos parentais e práticas de socialização das emoções negativas. *Psicologia: Revista da Associação Portuguesa Psicologia*, 33(1), 19-32. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v33i1.1372>
- Cohen, D. A., & Rice, J. (1997). Parenting styles, adolescent substance use, and academic achievement. *Journal of Drug Education*, 27(2), 199–211. <https://doi.org/10.2190/QPQQ-6Q1G-UF7D-5UTJ>
- Cole, P. M., Bruschi, C. J., & Tamang, B. L. (2002). Cultural differences in children's emotional reactions to difficult situations. *Child Development*, 73(3), 983-996. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00451>
- Consoli, N., Bernardes, J. W., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: As repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 36(2), 315–329. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409>
- Correia-Zanini, M. R. G. (2013). *Um estudo prospectivo sobre o percurso escolar de crianças nos primeiros anos do ensino fundamental* [Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo]. Universidade de São Paulo Repository.

- Correia-Zanini, M. R. G., Marturano, E. M., & Fontaine, A. M. G. V. (2016). Adaptação à escola de ensino fundamental: indicadores e condições associadas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(1), 19-34. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id+229046737003>
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. & Gomes, W. B. (2000) Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), 465-473. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10451/37094>
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática* (2ª ed.). Almedina.
- Crijnen, A. A., Achenbach, T. M., & Verhulst, F. C. (1997). Comparisons of problems reported by parents of children in 12 cultures: total problems, externalizing, and internalizing. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 36(9), 1269-1277. <https://doi.org/10.1097/00004583-199709000-00020>
- Cosgrove, V. E., Rhee, S. H., Gelhorn, H. L., Boeldt, D., Corley, R. C., Ehringer, M. A., Young, S. E. & Hewitt, J. K. (2011). Structure and etiology of co-occurring internalizing and externalizing disorders in adolescents. *Journal of abnormal child psychology*, 39(1), 109-123. <https://doi.org/10.1007/s10802-010-9444-8>
- Cukier, R. (2015). *Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto* (6ª ed.). Ágora.
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2004). Everyday marital conflict and child aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2), 191-202. <https://doi.org/10.1023/B:JACP.0000019770.13216.be>
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116(3), 387-411. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.116.3.387>

- Delvecchio, E., Germani, A., Raspa, V., Lis, A., & Mazzeschi, C. (2020). Parenting Styles and Child's Well-Being: The Mediating Role of the Perceived Parental Stress. *Europe's Journal of Psychology*, 16(3), 514-531. <https://doi.org/10.5964/ejop.v16i3.2013>
- Dias, M. B. (2016). *Manual de direito das famílias* (4a. ed.). Revista dos Tribunais.
- Duvall, E. R. M., & Miller, B. C. (1985). *Marriage and family development* (6a. ed.). Harper & Row.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118(1), 108-132. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.118.1.108>
- Falcke, D., Rosa, L. W., & Steigleder, V. A. T. (2012). Estilos parentais em famílias com filhos em idade escolar. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 5(2), 282-293. Recuperado em 20 de março de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202012000200008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202012000200008&lng=pt&tlng=pt).
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131. <https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302>
- Féres-Carneiro, T., & Diniz-Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia*, 20(46), 269-278. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200014>
- Ferreira, M. B. (2020). Desenvolvimento psicoafetivo da criança à luz do Psicodrama. In M. B. Ferreira & J. Costa (Orgs.), *Perturbações e Desenvolvimento da Pessoa* (pp. 15-26). University Institute.
- Ferreira, M. B. (2021). Caminhando com o psicodrama on-line. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 29(1), 53-59. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.00434>

- Ferreira, M. C., Assmar, E. M. L., & Souto, S. D. O. (2002). O individualismo e o coletivismo como indicadores de culturas nacionais: convergências e divergências teórico-metodológicas. *Psicologia em estudo*, 7, 81-89. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100011>
- Filipini, R. (2014). *Psicoterapia psicodramática com crianças: Uma proposta socionômica*. Ágora.
- Fleitlich, B., Cortázar, P. G., & Goodman, R. (2000). Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ). *Revista Infante de Neuropsiquiatria da Infância e da Adolescência*, 8, 44-50.
- Fox, N. A., & Calkins, S. D. (2003). The development of self-control of emotion: Intrinsic and extrinsic influences. *Motivation and Emotion*, 27, 7–26. <http://doi.org/10.1023/A:1023622324898>
- Freitas, C. da E. (2020). *Estilos parentais e aceitação social de crianças em idade pré-escolar: efeito mediador dos problemas de comportamento* [Dissertação de Mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/21109>
- Galvin, K. M., Braithwaite, D. O., & Bylund, C. L. (2015). *Family communication: Cohesion and change*. Routledge.
- Gaspar, T., & Matos, M. G. D. (2017). Escala de avaliação das práticas parentais: controlo e aceitação. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. 7: (1-2), 1-15. <https://doi.org/10.34628/nv vx-0f42>
- Gavriel-Fried, B., Shilo, G., & Cohen, O. (2014). How do social workers define the concept of family? *British Journal of Social Work*, 44(4), 992–1010. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcs176>
- Goldberg, W. A., & Easterbrooks, M. A. (1984). Role of marital quality in toddler development. *Development Psychology*, 20(3), 504-514. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.20.3.504>

- Gomes, C. S. (2019). *Ajustamento conjugal, estilos parentais e ajustamento da criança* [Unpublished master's thesis]. Universidade Autónoma de Lisboa.
- Gomes, M. I. M. (2010). *(Des) complexificando os estilos parentais: com pais casados e pais divorciados-separados* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://hdl.handle.net/10451/2499>
- Gomez, R., & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: Características psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica*, 26(4), 625-638. <https://doi.org/10.14417/ap.522>
- Goodman, A., Lamping, D. L. & Ploubidis, G. B. (2010). When to Use Broader Internalising and Externalising Subscales Instead of the Hypothesised Five Subscales on the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): Data from British Parents, Teachers and Children. *Journal of abnormal child psychology*, 38(8), 1179-1191. <https://doi.org/10.1007/s10802-010-9434-x>
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 38(5), 581-586. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x>
- Gouveia, P. R. R., Pires, M., & Hipólito, J. (2015). O novo ciclo familiar após o nascimento do primeiro filho. *Psique*, 135-160.
- Grych, J. H., & Fincham, J. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), 267-290. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.108.2.267>
- Haley, J. (1973). *Uncommon Therapy: The Psychiatric Techniques of M. H. Erickson*. Norton.
- Hameister, B. R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015, Abril 19). Conjugalidade e parentalidade: Uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 140-155. Recuperado em 07 de setembro, 2021, de

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672015000200011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200011&lng=pt&tlng=pt).

Hameister, B. R., Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2015). As repercussões nos filhos dos conflitos conjugais dos pais. In A. Wagner, C. P. Mosmann, & D. Falcke (Orgs). *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade* (pp. 69-75). Simodal.

Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2016). A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica*, 28(1), 161-182. Recuperado em 22 de março de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652016000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000100009&lng=pt&tlng=pt).

Hendrick, S. S. (1988). A Generic Measure of Relationship Satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, 50(1), 93-98. <https://doi.org/10.2307/352430>

Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo*, 13, 593-601. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122110021>

Hoff-Ginsberg, E., & Tardif, T. (1995). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting, Vol. 2. Biology and ecology of parenting* (pp. 161-188). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Hosokawa, R., & Katsura, T. (2017). A longitudinal study of socioeconomic status, family processes, and child adjustment from preschool until early elementary school: the role of social competence. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health* 11, 62. <https://doi.org/10.1186/s13034-017-0206-z>

Hosokawa, R., & Katsura, T. (2017). Marital relationship, parenting practices, and social skills development in preschool children. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health* 11, 2. <https://doi.org/10.1186/s13034-016-0139-y>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Censo Brasileiro de 2010*. IBGE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua*.

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=29516&t=destaques>

Iyiyaydın, A. A., Sümer, Z. H. (2021). The mediational role of intimate partner acceptance and psychological adjustment in the relationship between intimate partner control and marital adjustment. *Current Psychology*, 1-11. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-01468-2>

Janssens, A., Goossens, L., Van Den Noortgate, W., Colpin, H., Verschueren, K., & Van Leeuwen, K. (2015). Parents' and adolescents' perspectives on parenting: Evaluating conceptual structure, measurement invariance, and criterion validity. *Assessment*, 22(4), 473–489. <https://doi.org/10.1177/1073191114550477>

Jarmela, A. T. R. (2020). *Contributo do Ajustamento Conjugal e Estilos Parentais no Ajustamento da Criança dos 5 aos 10 anos* [Unpublished master's thesis]. Universidade Autónoma de Lisboa.

Jorge, E., & Cristina González, M. (2017). Estilos de crianza parental: Una revisión teórica. *Informes Psicológicos*, 17(2), 39–66. <https://doi.org/10.18566/infpsic.v17n2a02>

Kaslow, F., & Robison, J. A. (1996). Long-term satisfying marriages: Perceptions of contributing factors. *American Journal of Family Therapy*, 24(2), 153–170. <https://doi.org/10.1080/01926189608251028>

Kim, H. Y. (2015). Statistical notes for clinical researchers: Post-hoc multiple comparisons. *Restorative Dentistry & Endodontics*, 40(2), 172-176. <https://doi.org/10.5395/RDE.2015.40.2.172>

Iafrate R., Bertoni A., & Donato S. (2014). Marital Adjustment. In A. C. Michalos (Ed.), *Encyclopedia of Quality of Life and Well-Being Research* (pp. 311-1). Springer.

- Lambert, M. C., Knight, F., Taylor, R., & Achenbach, T. M. (1994). Epidemiology of behavioral and emotional problems among children of Jamaica and the United States: Parent reports for ages 6 to 11. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 22(1), 113-128. <https://doi.org/10.1007/BF02169259>
- Lamm, C., Zelazo, P. D., & Lewis, M. D. (2006). Neural correlates of cognitive control in childhood and adolescence: Disentangling the contributions of age and executive function. *Neuropsychologia*, 44(11), 2139–2148. <https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2005.10.013>
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The Measurement of Observer Agreement for Categorical Data. *Biometrics*, 33(1), 159–174. <https://doi.org/10.2307/2529310>
- Laporte, D., & Sévigny, L. (2006). *A auto-estima dos 6 aos 12 anos* (R. Rocha, Trad.). Climepsi.
- Le Moigne, J. L. (1977). *A teoria do sistema geral: Teoria da modelização* (J. Pinheiro, Trad.). Instituto Piaget.
- Letcher, P., Smart, D., Sanson, A., & Toumbourou, J. W. (2009). Psychosocial precursors and correlates of differing internalizing trajectories from 3 to 15 years 1. *Social Development*, 18(3), 618-646. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2008.00500.x>
- Lôbo, P. (2014). *Direito civil: Famílias* (5ª ed.). Saraiva.
- Locke, H. J., & Wallace, K. M. (1959). Short marital adjustment and prediction tests: Their reliability and validity. *Marriage and Family Living*, 21, 251-255. <https://doi.org/10.2307/348022>
- Longo, F., McPherran Lombardi, C., & Dearing, E. (2017). Family investments in low-income children's achievement and socioemotional functioning. *Developmental Psychology*, 53(12), 2273–2289. <https://doi.org/10.1037/dev0000366.supp>

- Luna, B., Garver, K. E., Urban, T. A., Lazar, N. A., & Sweeney, J. A. (2004). Maturation of Cognitive Processes from Late Childhood to Adulthood. *Child Development, 75*(5), 1357–1372. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00745.x>.
- Luz, S. K., & Mosmann, C. P. (2018). Funcionalidade e comunicação conjugal em diferentes etapas do ciclo de vida. *Revista da SPAGESP, 19*(1), 21-34.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (Vol. 4, pp. 1–101). Wiley.
- Madeiro, C. (2019, October 04). 2,7% das famílias concentram 20% de toda a renda brasileira. UOL. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/10/04/ibge-27-das-familias-concentram-20-de-toda-a-renda-brasileira.htm?cmpid=copiaecola>
- Magnani, R. M., & Staudt, A. C. P. (2018). Estilos parentais e suicídio na adolescência: uma reflexão acerca dos fatores de proteção. *Pensando famílias, 22*(1), 75-86. Recuperado em 23 de março de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2018000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100007&lng=pt&tlng=pt)
- Maia, C. C., Silva, K. L. D., Ferreira, A. G. N., Gubert, F. D. A., Scopacasa, L. F., Pinheiro, P. N. D. C., & Vieira, N. F. C. (2013). Influência da cultura machista na educação dos filhos e na prevenção das doenças de transmissão sexual: vozes de mães de adolescentes. *Rio de Janeiro, v. 1, n. 4*, pp. 17-24. Recuperado de <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8527>
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology, 15*(1), 3-21.
- Margolin, G., Gordis, E., & Oliver, P. (2004). Links between marital and parent-child interactions: Moderating role of husband-to-wife aggression. *Development and Psychopathology, 16*(3), 753-771. <https://doi.org/10.1017/S0954579404004766>

- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de cronbach? Questões antigas e soluções modernas. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.  
<https://doi.org/10.14417/lp.763>
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Sílabo.
- Maroco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (7ª ed.). ReportNumber.
- Marturano, E. M., Toller, G. P., & Elias, L. C. D. S. (2005). Género, adversidade e problemas socioemocionais associados à queixa escolar. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 22(4), 371-380.
- McCoy, K., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial behavior. *Journal of Child Psychology & Psychiatry*, 50(3), 270–279. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2008.01945.x>
- McGoldrick, M., & Carter, E. A. (1982). *The family life cycle. Normal family processes*. Guilford Press.
- McKinney, C., & Brown, K. R. (2017). Parenting and emerging adult internalizing problems: Regional differences suggest Southern parenting factor. *Journal of Child and Family Studies*, 26(11), 3156-3166. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0749-x>
- Meletti, A. T., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 17(1), 37-49.  
<https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v17n1p37-49>
- Merrifield, K. A., & Gamble, W. C. (2013). Associations among marital qualities, supportive and undermining coparenting, and parenting self-efficacy: Testing spillover and stress-buffering processes. *Journal of Family Issues*, 34(4), 510–533.  
<https://doi.org/10.1177/0192513X12445561>

- Miller, J. M., Diorio, C., & Dudley, W. (2002). Parenting style and adolescent's reaction to conflict: Is there a relationship. *Journal of Adolescent Health, 31*(6), 463–468. [https://doi.org/10.1016/S1054-139X\(02\)00452-4](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(02)00452-4)
- Miller, P. M., & Commons, M. L. (2010). The benefits of attachment parenting for infants and children: A behavioral developmental view. *Behavioral Development Bulletin, 16*(1), 1–14. <https://doi.org/10.1037/h0100514>
- Minuchin, S. (1974). *Families & Family Therapy*. Harvard University Press.
- Minuchin, P. (1988). Relationships within the family: A systems perspective on development. In R. A. Hinde & J. S. Hinde (Eds.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 7-26). Clarendon Press.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Torres, N., & Santos, C. (2017). Father's involvement and parenting styles in Portuguese families: The role of education and working hours. *Análise Psicológica, 35*(4), 513-528. <https://doi.org/10.14417/ap.1451>
- Montroy, J. J., Bowles, R. P., Skibbe, L. E., & Foster, T. D. (2014). Social skills and problem behaviors as mediators of the relationship between behavioral self-regulation and academic achievement. *Early Childhood Research Quarterly, 29*(3), 298-309. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2014.03.002>
- Moreno, J. L. (1993). *Psicodrama* (A. Cabral, Trad.; 9ª ed.). Cultrix. (Obra original publicada em 1946)
- Moreno, J. L. (2008). *Quem sobreviverá?: fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama* (M. Aguiar, Trad.). Daimon. (Obra original publicada em 1934)
- Morin, E. (2017) *Introdução ao pensamento complexo* (D. Matos, Trad.; 6ª ed.). Piaget. (Obra original publicada em 1990)
- Mosmann, C., Costa, C. B. D., Silva, A. G. M. D., & Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e

- parentalidade. *Trends in Psychology*, 26, 429-442. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-17Pt>
- Muris, P., Meesters, C., & Van den Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12(2), 171-183. <https://doi.org/10.1023/A:1022858715598>
- Nachoum, R., Moed, A., Madjar, N., & Kanat-Maymon, Y. (2021). Prenatal childbearing motivations, parenting styles, and child adjustment: A longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 35(6), 715–724. <https://doi.org/10.1037/fam0000826.supp>
- Nelson, J. A., O'Brien, M., Blankson, A. N., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2009). Family stress and parental responses to children's negative emotions: Tests of the spillover, crossover, and compensatory hypotheses. *Journal of Family Psychology*, 23(5), 671–679. <https://doi.org/10.1037/a0015977>
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: conceitos e métodos* (M. A. V. Veronese, Trad.; 7ª ed.). Artmed.
- Noronha, M. M. S., & Parron, S. F. (2012). A evolução do Conceito de Família. *Revista Pitágoras*, 3(3), 1-21.
- Norton, R. (1983). Measuring marital quality: A critical look at the dependent variable. *Journal of Marriage and the Family*, 45(1), 141-151. <https://doi.org/10.2307/351302>
- Nunes, S. A. N. (2012). *Contribuições da qualidade do vínculo de apego e das práticas parentais nos problemas externalizantes e internalizantes dos filhos* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório da Universidade de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96343>
- Oliveira, S. A. (2012). *Prevenção em saúde mental no Brasil na perspectiva da literatura e de especialistas da área* (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF, Brasil). Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11952>

- Omer, H. (2014). *Autoridade sem violência: O resgate da voz dos pais* (2ª ed.). Artesã.
- Omer, H., & Fleury, H. (2020). *Pais corajosos: Como impor limites amorosos e proteger seu filho*. Ágora.
- Organización Panamericana de la Salud (2020). *Recomendaciones para la reorganización y ampliación progresiva de los servicios de salud para la respuesta a la pandemia de Covid-19*. <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52214>
- Osório, L. C., & Valle, M. E. (2002). *Terapia de Famílias: Novas tendências*. Artmed.
- Pacheco, J. B., Silveira, L. B. & Schneider, A. A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39 (1), 66-73.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Artmed.
- Patock-Peckham, J. A., Cheong, J., Balhorn, M. E. & Nagoshi, C. T. (2001). A social learning perspective: A model of parenting styles, self-regulation, perceived drinking control, and alcohol use and problems. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 25(9), 1284-1292. <https://doi.org/10.1111/j.1530-0277.2001.tb02349.x>
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36(2), 3.
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2012). Marital satisfaction and partners' parenting practices: The mediating role of coparenting behavior. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 509–522. <https://doi.org/10.1037/a0029121>
- Pérez, I. A. G., & Estrada, S. C. (2006). Intimidad y comunicación en cuatro etapas de la vida de pareja: Su relación con la satisfacción marital. *Archivos Hispanoamericanos de Sexología*, 12(2), 133-163.

- Perry, N. B., Dollar, J. M., Calkins, S. D., Keane, S. P., & Shanahan, L. (2018). Childhood self-regulation as a mechanism through which early overcontrolling parenting is associated with adjustment in preadolescence. *Developmental Psychology*, *54*(8), 1542–1554. <https://doi.org/10.1037/dev0000536>
- Peruchi, R. C., Donelli, T. M. S., & Marin, A. H. (2016). Ajustamento conjugal, relação mãe-bebé e sintomas psicofuncionais no primeiro ano de vida. *Quaderns de Psicologia*, *18*(3), 55-67. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1363>
- Pettit, G. S., Bates, J. E., & Dodge, K. A. (1997). Supportive parenting, Ecological Context, and Children's Adjustment: A seven-Year Longitudinal Study. *Child Development*, *68*(5), 908–923. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1997.tb01970.x>
- Pinheiro, A. C., & Matos, S. (2021, March 10). Piora da pandemia e os seus impactos na economia. *Conjuntura Económica*. <https://ibre.fgv.br/blog-da-conjuntura-economica>
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: An updated meta-analysis. *Developmental Psychology*, *53*(5), 873–932. <https://doi.org/10.1037/dev0000295.supp>
- Pinto, H. M., Carvalho, A. R., & Nunes Sá, E. (2014). Os estilos educativos parentais e a regulação emocional: Estratégias de regulação e elaboração emocional das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, *32*(4), 387–400. Recuperado em 02 de novembro, 2021, de <http://b-on.ual.pt:2061/login.aspx?direct=true&db=psych&AN=2015-10699-002&lang=pt-pt&site=ehost-live>
- Pires, M., Jesus, S. N. & Hipólito, H. (2011). Questionário de Estilos Parentais para Pais (PAQ-P) – Estudos de validação. Actas do VIII Congresso Ibero-americano de avaliação – XV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. (pp. 760-770). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia.
- Pires, M., & Paz, T. (2016). Parenting styles perceived by teenagers and school achievement. *In 17th European Conference of Development Psychology* (pp. 267-273). MEDIMOND.

- Pires, M., & Silva, G. A. (2019). Estilos de Autoridade Parental, Práticas Parentais e Autoeficácia. *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* (307-313). CIP/UAL.
- Pires, M., Martins, M., & Sebastião, J. (in press). Cross-cultural validation-evidence of PAQ-P across three Portuguese speaking countries: Portugal, Angola and Brazil. [Manuscript in preparation]. Psychology Research Center, Universidade Autónoma de Lisboa.
- Planalp, E. M., Van Hulle, C. A., & Goldsmith, H. H. (2019). Parenting in context: Marital adjustment, parent affect, and child temperament in complex families. *Journal of Family Psychology*, 33(5), 532–541. <https://doi.org/10.1037/fam0000511>
- Reyna, C., & Brussino, S. (2015). Diferencias de edad y género en comportamiento social, temperamento y regulación emocional en niños argentinos. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(2), 51-64. <https://doi.org/10.14718/ACP.2015.18.2.5>
- Rios, J. B. S., Ferreira, D. F., & Batista, E. C. (2016). Práticas Educativas e Estilos Parentais: uma Revisão Bibliográfica da Literatura Brasileira. *Revista Uniabeu*, 9(21), 17-31.
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (1986). The Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS). *Sexual and Relationship Therapy*, 25, 48-53. <https://doi.org/10.1080/14681990903550183>
- Sá, E. (2008). Breve história da criança e da família. In E. Sá (Org.), *Abandono e adoção* (pp. 9-15). Almedina.
- Sameroff, A. (2010). A unified theory of development: A dialectic integration of nature and nurture. *Child Development*, 81(1), 6–22. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01378.x>
- Santana, D. D., Mendes, G. A., & Mariano, A. M. (2014). Estudo das dimensões culturais de Hofstede: análise comparativa entre Brasil, Estados Unidos e México. *C@ LEA–Revista Cadernos de Aulas do LEA, Ilhéus*, 3, 1-13.

- Santos, G., & Chaves, A. (2006). Proteção e promoção da infância: tensões entre coletivismo e individualismo no Brasil. *Interação em Psicologia*, 10(1). <https://doi.org/10.5380/psi.v10i1.5770>
- Sarwar, S. (2016). Influence of parenting style on children's behaviour. *Journal of Education and Educational Development*, 3 (2), 222-249. <https://doi.org/10.22555/joeed.v3i2.1036>
- Saud, L. F., & Tonelotto, J. M. D. F. (2005). Comportamento social na escola: diferenças entre gêneros e séries. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1), 47-57. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000100005>
- Schumm, W. R., Paff-Bergen, L. A., Hatch, R. C., Obiorah, F. C., Copeland, J. M., Meens, L. D., & Bugaighis, M. A. (1986). Concurrent and discriminant validity of the Kansas Marital Satisfaction Scale. *Journal of Marriage and the Family*, 48(2), 381-387. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/352405>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: Correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 467-475. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000300007>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2012). Correlations between Subjective Well-being, Dyadic Adjustment and Marital Satisfaction in Brazilian Married People. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(1), 166-176. [https://doi.org/10.5209/rev\\_SJOP.2012.v15.n1.37304](https://doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n1.37304)
- Seixas, M. R. D. A. (1992). *Sociodrama familiar sistêmico: Relações entre a teoria sistêmica/cibernética e o sociodrama familiar*. ALEPH.
- Seixas, M. R. D. A. (2013). A cultura da paz e o papel do cuidador familiar. In M. R. D. A. Seixas & M. L. Dias (Orgs.), *A violência Doméstica e a cultura da paz* (pp. 7-13). Roca.

- Shahla, A., Mansor, T., Rohani, A., & Mansor, M. (2011). Relationship between parenting style and children's behavior problems. *Asian Social Science*, 7 (2), 195-200. <https://doi.org/10.5539/ass.v7n12p195>
- Silva, D. A. Y. M., & Weber, L. N. D. (2018). Estilos Parentais, Satisfação Conjugal e Ajustamento Diádico: Um Estudo Exploratório. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 3(1), 325-334. Retrieved from <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349856428033>
- Silva, G. A. D. (2017). *Estilos, práticas parentais e autoeficácia parental: Estudo comparativo entre pais e mães* [Unpublished master's thesis]. Universidade Autónoma de Lisboa.
- Silva, M. (2019). *Problemas emocionais/comportamentais em pré-escolares: associação com indicadores de saúde mental e estilo parental*. [Master's thesis, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo]. Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo Repository. <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/4069>
- Silva, N. R., Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2020). PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E RECURSO PRÓ-SOCIAL NA AVALIAÇÃO DE MÃES E PROFESSORAS. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020193925>
- Silva, T. A. D., & Cavalcante, L. I. C. (2015). Habilidades sociais e características pessoais em escolares de Belém. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28, 850-858. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528424>
- Soares, L. I. M. D. S., & Sani, A. I. M. (2016). O impacto da exposição à violência interparental nas crenças: variáveis mediadoras. *Revista De Psicologia Da Criança E Do Adolescente*, 6(2), 155–169. Retrieved from <http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/rpca/article/view/2284>
- Sorkhabi, N., & Mandara, J. (2013). Are the effects of Baumrind's parenting styles culturally specific or culturally equivalent? In R. E. Larzelere, A. S. Morris, & A. W. Harrist

- (Eds.), *Authoritative parenting: Synthesizing nurturance and discipline for optimal child development* (pp. 113–135). American Psychological Association.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28. <https://doi.org/10.2307/350547>
- Sroufe, L. A. (1997). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years*. Cambridge University Press.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65(3), 754-770. <https://doi.org/10.2307/1131416>
- Tavassolie, T., Dudding, S., Madigan, A., Thorvardarson, E., & Winsler, A. (2016). Differences in perceived parenting style between mothers and fathers: Implications for child outcomes and marital conflict. *Journal of Child and Family Studies*, 25 (6), 2055-2068. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0376-y>
- Tralhão, F., Rosado, A. F., Gil, E., Amendoeira, J. A., Ferreira, R., & Silva, M. (2020). A família como promotora da transição para a parentalidade. *Revista da UIIPS - Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*, 8(1), 17-30. <https://doi.org/10.25746/ruiips.v8.i1.19874>
- Verhulst, F. C., & Achenbach, T. M. (1995). Empirically based assessment and taxonomy of psychopathology: cross-cultural applications. A review. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 4(2), 61-76. <https://doi.org/10.1007/BF01977734>
- Vinhal, G. & Soares, I. (2018, December 25). Famílias formadas por pai, mãe e filhos já não são maioria no país. *Correio Braziliense*. <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/12/25/interna-brasil,727213/familias-formadas-por-pai-mae-e-filhos-ja-nao-sao-maioria-no-pais.shtml>

- Wachelke, J. F. R., De Andrade, A. L., Cruz, R. M., Faggiani, R. B., & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9(1), 11-18. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712004000100003>
- Wallon, H. (2005). *A evolução psicológica da criança* (C. Carvalho, Trad.; 3ª ed.) 70. (Obra original publicada em 1978)
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000100010>
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>
- Whittaker, K. A., Cox, P., Thomas, N., & Cocker, K. (2014). A qualitative study of parents' experiences using family support services: Applying the concept of surface and depth. *Health & Social Care in the Community*, 22(5), 479-487. <https://doi.org/10.1111/hsc.12101>
- Yahav, R. (2007). The relationship between children's and adolescents' perceptions of parenting style and internal and external symptoms. *Child: care, health and development*, 33(4), 460-471. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2006.00708.x>
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2009). A ausência do princípio de autoridade na família contemporânea brasileira. *PSICO*, 40(2), 194-201. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/3726>
- Zattoni, R. S. (2011). A autoestima em crianças da terceira infância e sua relação com o elogio no contexto educacional. In X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, Curitiba, pp. 8577-8558. *PUC, Curitiba*. Recuperado em 02 de novembro, 2019, de <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/52623496.pdf>

Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470. Recuperado em 23 de março de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt).

## **Anexos**

## **Anexo 1**

### **Consentimento Informado**

**Código do Participante** \_\_\_\_\_

#### **Acordo de Consentimento Informado**

Projeto: Funcionamento Familiar, Coparentalidade e Ajustamento da Criança: Estudo comparativo intercultural

Convidamo-lo a participar num estudo sobre Funcionamento Familiar, Coparentalidade e Ajustamento da Criança em diversos contextos culturais, desenvolvido no Centro de Investigação em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa. Aprofundar o conhecimento acerca da adaptação é pertinente para desenhar projetos de prevenção e de intervenção promotores da saúde familiar.

Neste estudo pretendemos compreender a relação entre ajustamento marital, estilos de autoridade parental, a regulação emocional e ajustamento da criança em diferentes contextos socioculturais; 2) Verificar esta relação em situação de coparentalidade e seu impacto no ajustamento dos filhos.

Para participar, solicitamos que responda individualmente aos seguintes questionários: Questionário sociodemográfico; Escala de Ajustamento Diádico (DAS); PAQ-P (Questionário de Estilos Parentais para Pais); e Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ).

Pedimos autorização para recolher e arquivar os dados supramencionados, garantindo sempre o seu anonimato. Todos os dados recolhidos serão usados exclusivamente para efeitos de investigação científica e respeitarão as regras de proteção de dados da ética científica e da lei geral europeia. Os dados recolhidos em papel serão arquivados e codificados. Os seus dados pessoais não serão divulgados e serão mantidos confidenciais. Serão asseguradas as medidas de segurança técnicas e organizacionais mais adequadas. Os dados recolhidos serão mantidos codificados e arquivados numa base de dados protegida por palavra-passe. Apenas dois elementos da coordenação, direção científica do projeto e responsável pelo tratamento de dados terão acesso aos seus dados pessoais. Todos os intervenientes que recolhem os dados estão sob compromisso de confidencialidade e de sigilo. Todos os dados pessoais serão eliminados, no final de cinco anos, após a publicação dos resultados, mantendo-se os dados recolhidos anonimizados.

A participação no estudo é voluntária, tendo o direito de desistir a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou penalização, bastando para isso informar os coordenadores do projeto.

No final do estudo, os participantes poderão pedir e ter acesso a informação mais específica sobre os objetivos, procedimentos, resultados e conclusões do estudo.

**Se tiver dúvidas sobre o estudo, pode contactar os responsáveis pelo projeto:**

Coordenador do Projeto: Doutora Mónica Pires, [mpires@autonoma.pt](mailto:mpires@autonoma.pt)

Responsável pelo Tratamento de Dados: CEU Cooperativa de Ensino Universitário, Rua de Sta. Marta, 56, 1169-023, NIF: 501641238, e-mail: [privacidade@autonoma.pt](mailto:privacidade@autonoma.pt)

**Direitos dos Titulares dos Dados face ao Tratamento ou Transferência dos Dados**

Os seus dados não serão objeto de tratamento para decisões individuais automatizadas, nem para definição de perfis. Não serão transferidos para países terceiros. O titular dos dados tem o direito de retirar o seu consentimento a qualquer altura, aceder, retificar, eliminar, bloquear ou pedir a portabilidade dos seus dados e limitar ou opor-se ao tratamento dos dados, devendo para o efeito dirigir-se pessoalmente às instalações da Universidade Autónoma de Lisboa, na Rua de Santa Marta, ou contactar-nos através do e-mail: [onunes@autonoma.pt](mailto:onunes@autonoma.pt). O Fundamento Jurídico da legitimidade do tratamento é feito por assinatura do consentimento informado.

Todos os dados pessoais são tratados de acordo com os termos do previsto no Regulamento UE 2016/679 do

Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia. O Titular dos Dados tem o direito de apresentar reclamação à

Comissão Nacional de Proteção de Dados ou a qualquer outra autoridade de controlo.

**Consentimento informado para a recolha e tratamento de dados pessoais**

Declaro que compreendi os objetivos deste estudo, que a informação por mim fornecida será mantida confidencial e apenas utilizada de forma anónima para fins de investigação científica. Compreendi que em qualquer momento posso abandonar a minha participação neste estudo e solicitar junto do investigador a eliminação da informação por mim fornecida. Sei que os dados recolhidos serão realizados num só momento.

Compreendi que a participação neste estudo, ou a recusa em o fazer, não trará consequências negativas ou qualquer prejuízo. Tive oportunidade de colocar e esclarecer todas as dúvidas que tinha sobre esta investigação.

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_

ASSINATURA: \_\_\_\_\_

## Anexo 2

### Questionário sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico			
1. Dados relativos aos pais:			
Nacionalidade: _____	Sexo:	<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino
Idade: _____			
Escolaridade:			
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental I (até o 4º ano)	<input type="checkbox"/> Bacharelato		
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental I (até o 6º ano)	<input type="checkbox"/> Licenciatura		
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental II (até o 9º ano)	<input type="checkbox"/> Mestrado		
<input type="checkbox"/> Ensino Médio	<input type="checkbox"/> Doutorado		
Estado civil:			
<input type="checkbox"/> Casado(a)	<input type="checkbox"/> União de fato	<input type="checkbox"/> Separado(a)/divorciado(a)	<input type="checkbox"/> Viúvo(a)
Se casado(a) ou em união de fato, há quanto tempo? _____			
Se separado(a) ou divorciado(a), há quanto tempo? _____			
Como se processou o processo de guarda (responsabilidade) parental? <input type="checkbox"/> Por mútuo acordo <input type="checkbox"/> Por litígio			
Qual o regime da guarda do menor em vigor?			
<input type="checkbox"/> Residência partilhada/alternada (ex.: 1 semana com o pai; 1 semana com a mãe)			
<input type="checkbox"/> Guarda unilateral – Quantos dias passa/m com o pai mensalmente? _____ Quantos dias passa/m com a mãe mensalmente? _____			
Se está separado/divorciado como considera a comunicação com o pai/mãe do seu filho(a):			
<input type="checkbox"/> Face a face	<input type="checkbox"/> Por telefone	<input type="checkbox"/> Por SMS, e-mail ou outro media digital	
Quantas vezes se comunicam?			
<input type="checkbox"/> Diversas vezes por semana	<input type="checkbox"/> 2-5x em 6 meses		
<input type="checkbox"/> 1x por semana	<input type="checkbox"/> 1-2x por ano		
<input type="checkbox"/> 1-3x por mês	<input type="checkbox"/> menos de 1x por ano		
2. Dados relativos à criança sobre a qual responde no estudo:			
Idade: _____	Sexo:	<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino
Ano de escolaridade frequentado: ____ da(o)			
<input type="checkbox"/> Creche	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental I (até o 6º ano)		
<input type="checkbox"/> Jardim de Infância (Educação Infantil)	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental II (até o 9º ano)		
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental I (até o 4º ano)	<input type="checkbox"/> Ensino Médio		
Tem irmãos? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Se sim, quantos? _____			
3. Situação Familiar:			
Houve algum acontecimento que alterou a vida familiar? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Se sim, qual? _____			